

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Comunicação e Multimeios

Victoria Papa Ribeiro

RA00324359

FLORA E SUA FANTÁSTICA DESVENTURA

Victoria Papa Ribeiro

FLORA E SUA FANTÁSTICA DESVENTURA

**Memorial apresentado para a conclusão da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso II, Curso de
Comunicação e Mídias da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo.**

Orientador(a): JANE DE ALMEIDA

VICTORIA PAPA RIBEIRO

FLORA E SUA FANTÁSTICA DESVENTURA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. CARLOS EDUARDO S.F. DE SOUZA

Prof. Dr. FRANCISCO DAS CHAGAS CAMELO

Profa. Dra. JANE DE ALMEIDA

DEDICATÓRIA e AGRADECIMENTOS:

Dedico este trabalho para a minha família, tanto a de sangue quanto a que eu escolhi durante a jornada da vida. Coincidentemente, muitos destes fizeram parte da equipe que realizou este projeto e, portanto, este filme não existiria sem a participação de cada um deles.

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE:

Fantasia, Curta-metragem, Teoria Midiática, Produção Fílmica.

O presente trabalho discorre sobre o processo de produção de um filme de curta-metragem, realizado como trabalho de conclusão de curso para o curso de Comunicação e Multimeios da PUC - São Paulo, apresentado em junho de 2025. O filme, ao qual estas próximas linhas se referem, é do gênero fantasia, onde a narrativa acompanha uma garota curiosa e inocente, que mora em um bosque mágico. Um dia ela segue um desconhecido e acaba caindo em um buraco que a faz sair em um escritório. A partir daí, ela começa a entender o mundo do trabalho e se adentrar no mercado da arte. No entanto, suas aspirações artísticas não correspondem ao que dela é exigido em nome do lucro.

ABSTRACT AND KEYWORDS:

Fantasy, Short Film, Media Theory, Film Production.

This paper discusses the production process of a short film created as a final project for the Communication and Multimedia program at PUC - São Paulo, presented in June 2025. The film, which the following lines refer to, belongs to the genre of fantasy. The narrative follows a curious and innocent girl who lives in an enchanted forest. One day, she follows a stranger and ends up falling into a hole that leads her to an office. From that moment on, she begins to understand the world of labor and ventures into the art market. However, her artistic aspirations do not align with the demands placed on her in the name of profit.

SUMÁRIO:

DEDICATÓRIA e AGRADECIMENTOS:	4
RESUMO E PALAVRAS-CHAVE:	5
ABSTRACT AND KEYWORDS:	5
SUMÁRIO:	6
INTRODUÇÃO:	7
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas. Dialética do Esclarecimento. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1944)	9
O kitsch:	12
Figuras Traçadas na Luz - David Bordwell (as funções do estilo)	14
OBRAS E INSPIRAÇÕES:	16
CONCEITUAÇÃO DO PRODUTO	19
ETAPAS DE REALIZAÇÃO	20
PRÉ-PRODUÇÃO:	20
GRAVAÇÕES:	27
PÓS-PRODUÇÃO	30
ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADES DO PRODUTO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e FILMOGRÁFICAS:	33
ANEXOS:	33
ANEXO A (primeira versão do roteiro)	33
ANEXO B (Versão Final do Roteiro)	53
ANEXO C (planilhas)	66
ANEXO D (Primeira versão do filme)	66

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho de Conclusão de Curso, volta-se à produção e realização de um filme de curta metragem autoral, desenvolvido ao longo de um ano, do qual seis meses foram dedicados à pesquisa, que fundamenta o roteiro e a identidade visual do produto, enquanto os outros seis, foram dedicados à produção material do filme em questão.

O filme aqui referido, se encaixa nos moldes do gênero denominado “fantasia” que, de forma breve, significa que as leis do mundo real não se aplicam ao universo no qual se passa a obra fantástica. O fantástico é associado ao absurdo, extraordinário, mágico e sobrenatural, portanto, não demanda explicações lógicas. Pode-se dizer também que a presente obra apresenta elementos distópicos em sua composição básica.

A visualidade plástica da presente obra é uma parte central de sua expressão. Tal expressão foi pensada no intuito de criar ambientes significativos, essenciais ou complementares na construção da narrativa. Os diálogos aqui, são secundários, pois buscou-se transmitir a mensagem principalmente através de imagens. Para isso, foi necessário mergulhar na direção de arte, pensando a fundo a construção de cenários, figurinos, maquiagem, paleta de cores, luzes e fotografia.

A trama do curta acompanha uma jovem inocente e curiosa, chamada Flora, que vive em um bosque mágico e faz arte de forma livre. De repente, ao seguir um homem estranho, ela se enfia em um buraco em meio às árvores do Bosque e acaba saindo em mundo estranho. Um mundo onde a expressão artística é voltada apenas ao mercado cultural, a propaganda e a publicidade. Flora chega neste mundo saindo de um lixo situado dentro de um escritório não convencional. Lá, contam a ela que ela precisa ser útil para viver naquele mundo. A menina, então, procura emprego e se torna uma pintora particular, contratada exclusivamente por uma socialite chamada Solange. Sua utilidade e, portanto, sobrevivência, tornam-se reflexo do lucro obtido por sua patroa através da venda de suas obras.

Este filme foi pensado para ser dividido em 5 partes. Esta estrutura, previamente, seria explicitada em tela, com breves cenas indicando o fim e começo de cada sessão. No entanto, esta ideia foi descartada da primeira versão oficial do filme por conta do curto prazo para a entrega final deste. Mesmo assim, estas partes trazem maior esclarecimento sobre a jornada e história de Flora. As 5 partes são: I - Os Bosques; II - A Fila; III - O Leilão; IV - O Banquete; V - Arte. Cada uma tratando brevemente de um momento diferente na jornada da protagonista, respectivamente: a parte I (Os Bosques) trata da inocência e pureza inicial da personagem. Pode-se dizer que a primeira parte mostra a infância de Flora e demonstra a beleza e magia desta fase, através natureza nos Bosques; A parte II (a Fila) trata da entrada insegura da personagem despreparada para o mundo do trabalho; A parte III (o Leilão) mostra a adaptação tortuosa aos moldes impostos para a produção artística, ligadas principalmente ao mercado especulativo da arte; A parte IV (O Banquete) trata da aceitação de tais modos e incorporação destes, no próprio estilo de vida da personagem; Por fim, a parte V (Arte) traz a questão da liberdade artística no contexto capitalista. No final da trama, a protagonista se rende a lógica

do lucro e consegue fama e reconhecimento pelo seu trabalho, mas troca a sua expressão pela manufatura de uma arte repetitiva, porém lucrativa. Flora vê que o verdadeiro sucesso em seu mundo está no triunfo material e por fim, aceita sua fama de bom-grado.

A última cena deste curta-metragem busca trazer o esclarecimento sobre a mensagem paradoxal que permeia a história. A cena mostra uma pessoa vendo o filme que conta a história da vida de Flora. Ela está distraída na frente de uma televisão e, quando o filme termina, ela apenas começa a digitar em seu celular. A última cena, busca mostrar que a rendição de Flora é também um clichê ideológico, essencialmente idêntico aos vários outros com que as mídias nos alimentam. A pessoa em frente à TV não pára para digerir o que acabou de ver, mas se volta ao seu celular e consome mais conteúdos ideologicamente iguais ao último. Busca-se com essa cena, também expressar a presença iminente e constante da mídia na vida humana atual.

Muitas cenas, incluindo esta última, foram concebidas a partir da leitura do ensaio de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer "A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas" (1944). Este texto trouxe inspiração para a criação de alguns elementos chave desta história, porém, apesar de ter servido como ponto de partida, os conceitos filosóficos, extremamente profundos, trazidos pelos autores no livro *Dialética do Esclarecimento* (1944) não são aqui aprofundados ou explicados. A dinâmica estudada e explicitada pelos autores a respeito da indústria cultural serviu como inspiração para a construção, entendimento e aprofundamento da dinâmica subjetiva da narrativa do presente filme de curta-metragem. O roteiro busca trazer apenas algumas das questões colocadas pelos autores, como o caráter manipulativo da indústria cultural e a padronização da cultura.

No contexto deste ensaio de Adorno e Horkheimer, o braço mais forte da indústria cultural era o cinema, ao qual eles atribuem grande parte dos problemas ideológicos do século XX. Já no século XXI, os meios da indústria cultural não são mais os mesmos. Outras mídias são protagonistas quando se trata de manipulação, como as redes sociais ou sites de busca que pertencem às enormes "big techs" como o Google ou a Meta. Não é segredo que estas detêm informações privadas, capital e poder o suficiente para manipular decisões de extrema importância para o contexto mundial. Neste curta-metragem, buscou-se usar como analogia as estas últimas mídias, a pintura. As obras produzidas por Flora para venda, carregam em si uma forte propaganda, que prometem para o seu comprador status e ao mesmo tempo, esperança de uma vida melhor. Uma vida como aquela mostrada nas telas de Flora.

No intuito de transmitir o caráter repetitivo e manipulador do mercado, neste caso o artístico e cultural, as obras filmadas como feitas por Flora, foram elaboradas pela equipe com inteligência artificial. Na distopia que serve de plano de fundo para esta história, os quadros são pintados apenas pela elite e a arte das outras classes é feita por inteligência artificial. O intuito de Solange ao vender a arte de Flora é apresentar ao mercado uma coisa inovadora: um quadro pintado por uma menina qualquer, à mão. No entanto, a arte de Flora não é nada inovadora. Além de trazer temas repetitivos de felicidade plena dentro do capitalismo, as técnicas de pintura empregadas lembram o expressionismo (tema e mais aprofundado na

fundamentação teórica kitsch), portanto, a fama de Flora provém de uma manobra de mercado e não de uma genialidade inata que Solange vende.

Neste filme, procura-se discutir questões do capitalismo cultural de forma fantasiosa, simbólica e satírica, por isso, as próximas linhas se voltam primeiramente à explicação aprofundada das teorias que inspiraram esta história, em seguida, as obras que exerceram o mesmo papel. O processo de filmagem e produção segue estes e por fim, uma conclusão considerando a jornada para finalização deste filme.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O roteiro deste filme de curta metragem foi criado após a leitura e reflexão sobre o texto de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, chamado “A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas” (1944), no entanto, por se tratar de uma obra fantasiosa, este texto, apesar de ter sido a fonte primária para a inspiração, não será o foco da história. Este texto foi principalmente usado para a reflexão sobre o caráter histórico e subjetivo da sétima arte e, como as peças fundamentais dos pensamentos e objetivos daqueles que construíram a indústria cultural do século XX podem também ser observadas no século XXI. Os tópicos usados como inspiração para a construção do roteiro, serão aprofundados na presente sessão.

Já na parte visual, a arte é parte fundamental da narrativa, tanto na direção de arte como nas obras que contam e complementam a história. A direção de arte do curta, é central e, os meios para isso também serão explicados na fundamentação teórica.

A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas. Dialética do Esclarecimento. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1944)

Neste ensaio, publicado 81 anos atrás, trata-se com profundidade, a questão da crescente indústria cultural, representada principalmente pela indústria cinematográfica que, na época, se encontrava em seu auge com os anos dourados de Hollywood. O ponto inicial da crítica a esta gigante indústria, trazido pelos dois filósofos, Theodor Adorno e Max Horkheimer, é o seguinte: “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança.” dizendo assim que a diversidade na cultura, minguava aos poucos. A primeira evidência apresentada é a então recente mistura entre o microcosmo e o macrocosmo, ou seja, a esfera individual e a esfera coletiva. O ponto é que estes dois se mesclam e se fundem com a presença da indústria cultural e de seus padrões. O que é considerado por um indivíduo, uma preferência pessoal, é na verdade a internalização do padrão glamourizado e, portanto, imposto pelo cinema. Tal padronização é fruto principalmente do monopólio hollywoodiano e de seus interesses financeiros. O padrão replicado é aquele que obtém mais lucro para a grande indústria. Adorno e Horkheimer adicionam o seguinte comentário a respeito:

“Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. Realmente, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944, n.p)

Coloca-se aqui o caráter de dominação que a indústria exerce sobre a sociedade. Tal dominação é subjugada pela influência financeira da classe dominante sobre a técnica do audiovisual. A manipulação aqui, não ocorre apenas pela mostra infinita de diversão, mas também pelos clichês ideológicos colocados na narrativa como normais e absolutamente verdadeiros. Os autores comentam que a “Ética e gosto são suprimidas desenfreadamente na diversão como "ingênuas"” nestes muitos filmes” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944, n.p). É possível identificar este caráter exploratório da classe dominante, na relação entre as duas protagonistas do presente filme, Flora e Solange. Enquanto Flora tenta pintar seus sentimentos e vivências, Solange insiste que suas obras sejam padronizadas com o recorrente tema de “felicidade”. Refém do poder material da patroa, Flora pinta, sem motivação pessoal, o tipo de arte que a transforma em uma artista famosa. Solange, por sua vez, tem plena noção de que as obras produzidas por Flora são as mais consumíveis e lucrativas para ela própria.

Os trabalhadores desmoralizados e cansados com as repetições cotidianas de suas funções se encontram em um lugar delicado nos olhos da indústria. A revolta destes contra os seus opressores é um perigo iminente. A resposta da indústria é a catarse e o costume. Para aqueles que passam os dias no mesmo trabalho repetitivo, o conforto de uma sala de cinema é a fuga perfeita entre um turno e outro. A tela tem este poder de transportar quem a olha, para dentro da história que ela transmite. Sendo assim, o conteúdo da tela tem duas funções sociais: Enquanto o modelo de felicidade no cinema tem a função catártica da realização de algo potencialmente inalcançável pelo público, a tragédia, por outro lado, é colocada no intuito de ser normalizada e de educar as massas para que elas lidem com tragédias e as enxerguem de forma mais amena, para evitar revoltas e promover a apatia. Quando a tragédia é normalizada nas salas de cinema, a realidade trágica parece normal. “A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários bem como os costumes bárbaros. A cultura industrializada dá algo mais. Ela ensina e infunde a condição em que a vida desumana pode ser tolerada.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944, n.p). No Filme de curta-metragem aqui discutido, vemos este caráter da indústria nas telas pintadas por Flora. Estas telas têm o objetivo de dar um mínimo de cor e esperança para aqueles que não as tem, como se, ao olhar alguém sendo feliz, os trabalhadores desmotivados lembrassem deste sentimento e assim continuassem em sua

incessante busca pela felicidade plena retratada. As telas de pintura servem aqui como uma analogia às telas de televisão.

A arte, é também vítima da indústria cultural e, se apresenta como artigo de luxo enfileirado em meio a tantos outros bens de consumo. Essa categoria da arte não é nova, mas a explicitação da falta de autonomia artística e a sua inserção completa no mercado é feito desta indústria. A arte dita pelos autores como “pura” é a arte que não se propõe a ter nenhuma utilidade e assim se opõe ao mercado, é meramente tolerada por ele, assim como é também uma exclusividade burguesa. No entanto, qualquer arte neste contexto mercantil, para de ter em si, valor como bem cultural e passa a ter principalmente o valor de troca. Uma obra de preço inestimável ainda tem um preço por mais exorbitante que seja, e possui principalmente outro tipo de valor, o valor de uso. O valor de uso desta mesma obra é determinado pelo status que a obra proporciona a seu detentor. Sobre o caráter de bem de consumo da arte, os autores comentam:

“Adequando-se por completo a necessidade, a obra de arte priva por antecipação os homens daquilo que ela deveria procurar: liberá-los do princípio da utilidade. Aquilo que se poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, em lugar do prazer estético penetra a ideia de tomar parte e estar em dia; em lugar da compreensão, ganha-se prestígio. O consumidor torna-se a desculpa da indústria de divertimento, a cujas instituições ele não se pode subtrair.”
(ADORNO; HORKHEIMER, 1944, n.p)

Este elemento, apontado pelos filósofos da escola de Frankfurt é representado imageticamente, com a constante discrepância transmitida pela câmera entre as falas de Solange, que apenas enaltecem exageradamente os trabalhos de Flora e, as telas em si, que não são mais do que imagens superficiais e repetitivas, porém, esteticamente agradáveis. Mas, por conta de seu dinheiro e influência, Solange convence os frequentadores de sua galeria que, o que Flora pinta é inovador e profundo. Assim, o valor das obras de Flora cresce muito e, com isso, cresce também o lucro de Solange em cima de cada venda.

Os filósofos alegam que a cultura é de fato uma mercadoria complicada e contraditória, a qual muitos valores subjetivos são atribuídos para determinar o seu valor de troca. Assim, um dos grandes sustentos da indústria cultural são as promessas que esta faz para os seus consumidores. Estas são as promessas indicadas pelas histórias nos filmes ou a promessa de status com a arte. Por depender de promessas, os autores argumentam que a indústria cultural tem na propaganda a sua grande aliada e salvadora. As duas convergem pois, de certa forma, a publicidade apresenta concretamente as promessas da indústria cultural, transformadas em produtos. Com a extinção do livre mercado e a evidente emergência de inúmeros monopólios, a propaganda funciona para a delimitação ainda maior do consumo. Aqueles que têm o capital para investir em grandes propagandas são aqueles já estabelecidos no mercado, sem a necessidade de terem os melhores produtos, apenas de terem as melhores propagandas. Sobre este triunfo da indústria cultural sobre todos os caracteres da vida humana, os autores comentam: “pessoal não significa praticamente — para eles — outra coisa senão dentes

brancos e liberdade de suor e de emoções. Isso é o triunfo da propaganda na indústria cultural, a mimese compulsória dos consumidores às mercadorias culturais cujo sentido eles ao mesmo tempo decifram.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1944, n.p).

Dentre os conceitos acima apresentados, dois pontos chaves da trama foram inspirados. O produto cultural, no filme aqui discutido, não passa de uma propaganda, inspirada nos anúncios mais comuns dos dias de hoje. As propagandas contemporâneas, não mencionadas no texto de estudo, mas profundamente conhecidas por todo o mundo capitalista atual, vendem seus produtos como um meio para um estilo de vida. Um carro chique, promete glamour e status, um perfume promete a atenção e desejo do sexo oposto sobre o indivíduo que o usa, e um simples logo famoso costurado em uma bolsa de couro promete a seu usuário respeito e reconhecimento. Por isso, as obras de Flora mostram literalmente estilos de vida glamourizados e sem preocupações. As cores vivas e excessivas nos quadros, os sorrisos largos das pessoas retratadas e as cenas perfeitas, procuram transmitir a felicidade que acompanham estilos de vida daqueles que triunfam no capitalismo. São estilos de vida voltados ao status e conforto material e, tais estilos de vida são apresentados como fórmula para obter a plenitude e felicidade. Solange é uma grande advogada da meritocracia neoliberal instintivamente ligada a este discurso, por isso, ela mesma, é filmada como uma propaganda ambulante. As filmagens desta personagem procuram mostrar suas posses materiais como se fossem uma grande parte de sua personalidade.

De todos os modos percorridos de como a indústria invade e manipula a vida humana, a moldagem do caráter individual através das promessas e da ideologia, é o mais preocupante. Os autores afirmam que a indústria cultural avança sobre tudo e invade nosso próprio ser. No texto é citada uma análise feita por Tocqueville, um século antes da publicação do artigo, aplicada pelos autores, ao monopólio privado da cultura. Tocqueville discorre: “A tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”.

O kitsch:

A palavra “kitsch” é relacionada por Abraham Moles, em seu livro “Kitsch, a Arte da Felicidade”, a palavra alemã “kitschen” que se refere à ação de reusar e fazer móveis novos com móveis antigos. Especula-se também, que o termo kitsch possa ter vindo de outra palavra alemã “sketch”, palavra popular na Alemanha durante a ocupação americana, que significa lembrancinha, esboço ou algo agradável aos olhos. No entanto, é consenso que o termo kitsch teve as suas origens na Alemanha. O contexto histórico que deu origem a este fenômeno foi, provavelmente, a vitória do reino da Prússia sobre a França na guerra franco-prussiana de 1870 a 1871. Com esta vitória, foi possível a consolidação financeira da classe média alemã que, com o recente firmado poder de compra, passa a consumir a arte padronizada na esperança de se igualar à elite.

O estudo sobre o kitsch, mesmo sem este nome, é bem mais antigo do que o livro escrito por Abraham Moles sobre o assunto, porém, o escritor procura colocar em sua obra as informações prévias obtidas sobre o assunto. Moles faz a sua análise através de dois pontos de vista:

- 1- O kitsch no material: Quais propriedades e objetos definem o fenômeno kitsch.
- 2- O kitsch no subjetivo: Quais as relações que o homem mantém com o objeto, seja ele consumidor ou criador destes.

Referindo-se ao livro de Moles, o filósofo Mitiko Otofujii comenta em seu artigo “Resenha de: O "Kitsch".”:

“A primeira fase do Kitsch culmina exatamente na época da plena ascensão da Burguesia, denominada por Moles, como o século 1900 (1889-1914), caracterizada principalmente pelo poder e vontade aquisitivos do burguês industrial, que, tendo conquistado um vasto poderio econômico, tenta se afirmar também em sua cultura, consumindo o repertório erudito, distintivo da elite.” (OTOFUJI, 1974)

Assim pode-se identificar os seguintes comportamentos e ideologias do homem kitsch, nessa fase primordial:

- 1 - Kitsch é sinônimo de nobre: almejava-se adquirir títulos de nobreza, terras e palacetes bem na moda da aristocracia. A arte encomendada pelos novos ricos, era a clássica e voltada ao estilo renascentista.
- 2- Kitsch, a imitação da arte: A arte realizada em nome da burguesia imitava e diluía a arte do passado. O estereótipo estético da arte era fixado nas novas obras, enquanto qualquer outra parte mais aprofundada da arte, era deixada de lado. O mesmo fenômeno ocorria na literatura, que copiava o romantismo também de forma superficial. Otofujii comenta: “O mercado consumidor burguês exige selos e símbolos da erudição em suas encomendas.” (1974, n.p.).
- 3- O kitsch na religião: As figuras associadas ao divino eram usadas sem moderação. Estátuas de virgens, santos, anjos todos eram usados em abundância em locais religiosos assim como em cemitérios.
- 4- O Kitsch na arquitetura: De todas as artes, arquitetura foi a mais diluída com a chegada do kitsch. No estilo chamado de Neo-Kitsch, que era ensinado em certas escolas de arquitetura na França, as cópias eram vastamente valorizadas (até mais do que as originais por serem menos gastas) e os elementos copiados eram, como em todas as outras áreas, os que evocavam a imagem aristocrática como os castelos da idade média.

No filme ao qual este projeto se refere, o kitsch aparece tanto como fenômeno psicológico quanto como fenômeno material, ou seja, através dos conceitos que Moles chamou de “O Kitsch no subjetivo” e “O Kitsch no material”. Muitas das artes que aparecem no curta, principalmente aquelas produzidas por Flora para serem vendidas por Solange, são kitsch. No processo de produção dos quadros para o curta, foi usada a inteligência artificial para gerar as

imagens a serem expostas. A intenção com isso, era que a arte apresentada como pintada por Flora fosse mecânica e cheia de clichês ideológicos, tão presentes na inteligência artificial. Também, para compor essas artes, foram usadas inspirações expressionistas para mostrar este selo de erudição tão cobiçado pela burguesia atual. Como já foi previamente citado no presente texto, “O mercado consumidor burguês exige selos e símbolos da erudição em suas encomendas.” (OTOFUJI, 1974).

Apesar da estética em si ser fortemente associada à classe média alemã no fim do século XIX, o conceito de kitsch que Abraham Moles apresenta, tem como princípio a transformação da arte em bem de consumo. Quando esvaziam a arte e reduzem-na a estética ou a um símbolo de status, portanto, transcende o conceito de classe e o momento histórico. Além disso, os novos ricos do século XIX, pertencentes à burguesia industrial, são a classe dominante dos dias de hoje que, portanto, dominam o mercado artístico e todos os outros. Por isso, é natural traçar um paralelo entre o fenômeno kitsch do século XIX e as aspirações artísticas de Solange, uma herdeira da fortuna burguesa industrial.

Figuras Traçadas na Luz - David Bordwell (as funções do estilo)

O filme de curta metragem aqui discutido, foi pensado com o intuito de possuir uma visualidade marcante e única, obtida através da direção de arte aprofundada. Em seu livro *Figuras Traçadas na Luz*, David Bordwell discorre sobre o “estilo”. Para Bordwell estilo contribui para a construção do significado e para o envolvimento do espectador com a obra. Como definição de estilo, o autor coloca: “O estilo é a textura tangível do filme, a superfície perceptual com a qual nos deparamos ao escutar e olhar: é porta de entrada para penetrarmos e nos movermos na trama, no tema, no sentimento (...)” (2009 p.58).

Bordwell descreve quatro funções principais do estilo no cinema, cada uma responsável por uma camada distinta da experiência visual e narrativa de um filme. Respectivamente, estas funções são:

1. **Função Denotativa:** A função denotativa tem o papel de representar de forma objetiva os elementos que compõem o mundo no qual discorre o filme. A função denotativa permite ao espectador identificar o que está acontecendo em cena, diferenciar os personagens, discernir os locais e ambientes da narrativa e quais ações e reações ocorrem na trama. Tal função é responsável por uma compreensão objetiva da narrativa, funcionando como um guia visual que representa o espaço ficcional de maneira compreensível.
2. **Função Expressiva:** Nesta função, o estilo assume a função de transmitir as qualidades emocionais e atmosféricas da cena. Através da iluminação, do enquadramento, do uso de cor e de outros elementos visuais, o filme pode sugerir um estado de ânimo ou intensificar as emoções sentidas por uma ou várias personagens. A função expressiva vai além da objetividade, e é responsável pela imersão do espectador na intensidade dos sentimentos e atmosferas da trama.

3. Função Simbólica: Esta função refere-se ao uso de elementos estilísticos para construir significados simbólicos, muitas vezes levando o espectador a interpretar algo além do que é mostrado literalmente. Cores, composições específicas, objetos, roupas, contraste ou qualquer elemento atribuído ao estilo, podem simbolizar ideias ou temas mais amplos, para além do que é mostrado explicitamente na tela. A função simbólica permite que o filme transmita subjetivamente ideias e temas específicos, aprofundando os significados presentes na narrativa.

4. Função Decorativa: A função decorativa é voltada especificamente para a estética visual da cena. Esta função é ligada a criação de composições agradáveis, simétricas e harmoniosas, elaboradas em prol de um apelo visual marcante. Embora esta função não tenha como objetivo o aprofundamento ou enriquecimento da narrativa, ela é responsável pela beleza dos planos e pela perpetuação da identidade visual do filme em todos os momentos.

Essas quatro funções são integradas de forma a construir uma experiência imersiva para o espectador. Em muitos filmes, o estilo vai além da estética; ele é uma linguagem complexa que interage com a narrativa e os temas por ela trazidos para criar uma obra coerente e significativa. No filme aqui discutido, todas as 4 funções mencionadas têm o seu papel na trama, com destaques maiores as funções expressiva e simbólica.

A função expressiva é usada principalmente nas maquiagens e figurinos da personagem principal (Flora). Estes dois elementos têm o papel de mostrar aos espectadores a mudança no próprio estilo da personagem, evidenciando uma mudança em sua personalidade. Flora começa o filme como uma criança inocente cheia de sonhos e magia nos olhos. As regras do mundo do trabalho vão mudando os pensamentos de Flora, e estes, são refletidos em sua aparência física. A personagem termina o filme como uma mulher feita e com uma carreira, fama e reputação já formadas a partir de suas artes comerciais. Flora troca seus sonhos pela fama, dinheiro e reconhecimento e, aos poucos, suas maquiagens e roupas vão mudando e se assemelhando mais às maquiagens e figurinos que Solange usa desde o começo. As maquiagens da protagonista perdem as cores vibrantes e formas abstratas, enquanto ganham cores mais fechadas e ângulos que se assemelham a maquiagem que é a marca da mulher que a inseriu no mundo da arte e que sempre teve como objetivo a fama e a fortuna. (maquiagens e desenhos no capítulo “pré-produção”)

A função simbólica foi empregada em diversos momentos deste curta metragem. pode-se dizer que os momentos mais marcantes de seu uso são nas posições de câmera, cortes e nas luzes. No momento em que a protagonista (Flora) se depara com Solange pela primeira vez, o diálogo delas é filmado com plongées e contra-plongées. Solange é filmada com um leve contra-plongée para demonstrar a sua “superioridade”. Já Flora, é filmada da maneira oposta, neste primeiro momento. Mais para frente no filme, quando Flora ganha fama e reconhecimento por sua arte, é ela a filmada com o contra-plongée, evidenciando uma clara mudança no caráter da personagem.

Em dois momentos do curta o recurso stop-motion é usado. As duas, evidenciando a facilidade e rapidez com que recursos materiais aparecem para Solange. O primeiro stop-

motion ocorre depois que Flora pinta, sem saber, o quadro em branco da galeria de Solange, que já era em si obra de arte caríssima. Após o diálogo inicial entre as duas, Solange pede a Flora que mostre as suas habilidades de pintura e, com um estalo de dedos da socialite, todos os materiais de pintura aparecem ao redor de Flora em stop motion, assim como um avental em seu corpo. O segundo stop-motion acontece depois de Flora ser contratada como pintora particular por Solange. Esta última vai apresentar sua “mais nova descoberta” aos convidados em sua galeria. A socialite decide então “repaginar” o estilo de Flora para que ela fique mais apresentável para potenciais compradores de suas obras. Com um estalo de dedos, todas as peças de roupa de Flora saem de cena, uma por uma, e novas roupas muito mais coloridas e excêntricas vestem seu corpo, também em stop-motion. O recurso empregado desta vez mostra também a gritante mudança que Flora precisa passar para se encaixar no mundo das artes.

As luzes do cenário da galeria de arte, contavam também com um canhão de luz redondo, usado para apontar o objeto em cena que deveria ser destacado. Em todos os momentos em que Solange e Flora estão no palco, o holofote é usado para evidenciar os elementos “importantes” da cena, ou seja evidenciando aquilo que deve ser iluminado e aquilo que pode continuar nas sombras. Nas primeiras apresentações de Solange no palco, ela é iluminada majoritariamente e, ocasionalmente, a arte de Flora recebe o holofote. Já artista, recebe uma luz secundária e vacilante. Com o passar do filme, enquanto Flora vai ganhando reconhecimento, o holofote continua em Solange, mas vai aos poucos tornando-se da artista. Por fim, Flora é o centro das atenções, por isso o holofote a ilumina direta e unicamente.

OBRAS E INSPIRAÇÕES:

Alguns filmes foram usados como inspiração para a desenvoltura do produto final deste trabalho. Tais filmes forneceram inspiração principalmente no desenvolvimento da visualidade e estilo do filme, mas também em seus elementos narrativos. Seguem, nas próximas linhas, uma breve sinopse das obras mais significativas e os pontos que serviram como inspiração para a construção visual e contextual do curta-metragem.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, 1951, Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Wilfred Jackson

Escrito por Lewis Carroll e lançado em 1865, Alice no País das Maravilhas é uma história clássica e profundamente enraizada no imaginário popular ocidental. A obra literária, ganhou adaptações cinematográficas desde os primórdios da sétima arte, sendo a que mais inspirou o presente trabalho, o longa-metragem de animação “Alice no País das Maravilhas”, lançado em 1951. Este conta a famosa história de Alice que segue um misterioso Coelho Branco e cai em um buraco, entrando em um mundo mágico e surreal chamado País das

Maravilhas. Em meio a aventuras absurdas e situações ilógicas, Alice tenta encontrar o caminho de volta para casa enquanto questiona o que é real e o que é apenas um sonho.

A narrativa do filme a qual se refere este trabalho é claramente inspirada na narrativa de Alice. Porém, ao contrário da famosa história em que Alice segue um coelho branco, cai em um buraco e vai parar em um mundo fantástico, esta história conta de uma menina que vive em



um mundo mágico, segue um homem estranho, cai em um buraco e vai parar em uma distopia. Ao longo do curta, a protagonista Flora, doce e inocente como a menina na qual foi inspirada, encontra personagens e se depara com situações que foram também inspiradas de leve ou fortemente na famosa obra. Seguem abaixo, alguns exemplos destas inspirações.



Flora, em sua jornada, se depara primeiramente com a personagem da Secretária que a recebe em seu escritório. Quando Alice encontra a Lagarta Azul, esta a recebe com uma pergunta: “quem és tu?”, já a Secretaria recebe Flora com uma pergunta diferente “o que você faz de útil?”.

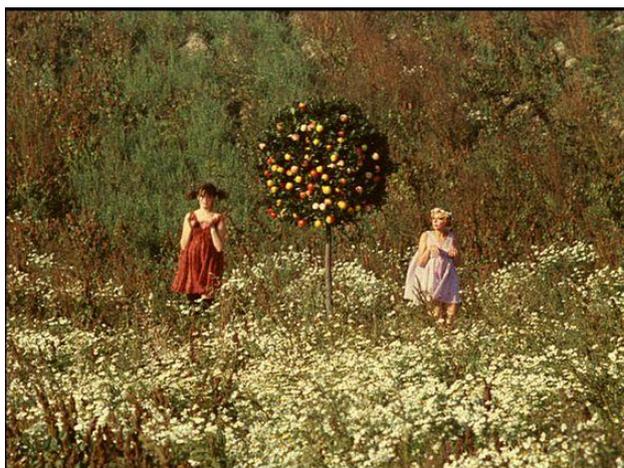


O chá maluco de “desaniversário” serviu de inspiração para a cena na qual Flora come e se esbalda diante de uma mesa com vários elementos e comidas estranhas. Tais elementos na cena 16, procuram evocar a lembrança desta cena tão marcante. No filme aqui discutido, as comidas oferecidas a Flora são belas porém muito estranhas. Isto serve como analogia ao estilo de vida que ela está aceitando.

As Pequenas Margaridas, Věra Chytilová, 1966

Pequenas Margaridas (Sedmikrásky, 1966) é um filme tchecoslovaco dirigido por Věra Chytilová, considerado um marco no cinema feminista e experimental. A trama acompanha duas meninas que percebem que o mundo em que vivem é “depravado” e decidem, a partir disso, que elas serão “depravadas” também. Elas embarcam em uma jornada de tom absurdo e anárquico na qual questionam e desafiam normas sociais.

O filme é visualmente inovador, misturando colagens, cortes abruptos e sequências surrealistas, além de empregar humor e ironia para criticar a opressão e a superficialidade da sociedade.



Esta cena específica, foi usada como inspiração para a primeira cena do filme aqui discutido. Aqui, a natureza se encontra em foco e as imagens geradas, com elementos naturais são extremamente marcantes, coloridas e significativas. Este cenário foi escolhido para o início do filme, assim como no filme “Pequenas Margaridas”, para servir como analogia à própria natureza da personagem Flora.

Essa cena, na qual as meninas comem e se esbaldam em uma mesa de jantar farta, foi usada como elemento para preparação de elenco das atrizes na cena análoga a esta no presente projeto. As meninas comem avidamente um banquete como um ato de rebeldia e irreverência, em Pequenas Margaridas, já Flora come avidamente todas as coisas estranhas e bonitas que se encontram na mesa, como um gesto de conformidade, aceitação e incorporação do modo de vida de Solange e dos outros convidados.



Notre Dame des Hormones, Bertrand Mandico, 2015

Notre-Dame des Hormones é um curta-metragem surrealista que explora temas de desejo, transformação e erotismo. A trama gira em torno de duas atrizes que, ao descobrir uma misteriosa criatura, entram em um intenso e estranho relacionamento com ela. O filme combina elementos de fantasia, erotismo e horror em uma estética peculiar, criando assim uma atmosfera fantástica e misteriosa.

A ambientação desta cena e a composição do cenário foram grande inspiração para o cenário da galeria, onde Solange apresenta os quadros de Flora. As cores utilizadas e os tecidos ao fundo, foram igualmente utilizados nos cenários da galeria e da sala de jantar.



CONCEITUAÇÃO DO PRODUTO

Este filme de curta metragem foi realizado no intuito de estudar e explorar uma linguagem extremamente visual voltada a demonstrar a simbologia e subjetividade em tela, deixando a verbalidade em segundo plano. O objetivo foi mergulhar em uma estética fantástica e onírica com as quais foram criados ambientes de visualidade única. Apesar de partes da estética serem inspiradas em ambientes fantasiosos de diversos filmes ou elementos da cultura

pop, a singularidade visual deste filme, se dá por conta do resultado da mistura entre elas e, na correspondência destas com o fio condutor da narrativa, ou seja, sentimentos, tensões, intrigas e até pistas sobre a funcionalidade do mundo em questão são representados através dos elementos artísticos em cena.

O filme aqui discutido, busca colocar em evidência o caráter exploratório e manipulativo da indústria cultural clássica e contemporânea. Com o emprego da fantasia, pretende-se provocar o espectador com os exageros e absurdos da distopia criada, que reduzidos, podem ser encaixados em nosso próprio mundo ou colocados como resultados iminentes em um futuro próximo. Dito isto, é importante ressaltar que, apesar de o roteiro trabalhar com uma analogia aos nossos cenários midiáticos, tanto deste século quanto do século passado, esta ainda se trata de uma fantasia que toma liberdades poéticas e artísticas em nome do enriquecimento do produto final.

Este produto busca atingir pessoas que gostem de arte, ironia e surrealismo. Pretende-se que a estética do filme atraia esses espectadores, curiosos com a história que será contada através de uma linguagem visual colorida e, muitas vezes, extravagante. Considerando que a arte é protagonista e narradora da maior parte do filme, esta será também o maior atrativo dos espectadores, no entanto, espera-se que, ao ver o filme, estes também busquem se aprofundar nas nuances da história até depois da tela se apagar.

ETAPAS DE REALIZAÇÃO

PRÉ-PRODUÇÃO:

(roteiros em anexo)

A primeira etapa para realização deste projeto foi o desenvolvimento do roteiro. Este, passou por diversas mudanças durante o processo de pré-produção principalmente devido aos desafios práticos que certas cenas impunham. Tais desafios serão detalhados no texto a seguir. A primeira versão oficial do roteiro, contendo sinopse e argumento, foi entregue para a avaliação do parecerista Carlos Eduardo de Souza no dia 10/11/2024 e se encontra nos anexos ao final do presente trabalho.

Revisão do roteiro:

Após a revisão do primeiro roteiro para iniciar o processo de produção (confirmação dos cenários, atores, diárias etc.) alguns elementos, se mostraram como obstáculos na prática. O primeiro obstáculo foi referente ao número de atores que seriam necessários para a realização da primeira versão da história. Esse número de atores exigiria muito mais trabalho na produção

de figurino, maquiagem e preparação de elenco, sem contar o aumento financeiro referente a comida para o set. Por isso, a primeira grande mudança na narrativa foi a máxima redução possível de pessoas em cena, principalmente nas cenas 1 e 3, onde muitos personagens deixaram de existir. Apesar destes personagens servirem como esclarecedores das regras que regem a distopia onde Flora se encontra, na prática, a melhor opção foi eliminá-los e deixar esta parte da narrativa apenas implícita.

Foram reduzidos também o número de cenas. Algumas cenas não eram essenciais para a narrativa, como a cena 16 que foi removida da versão final do roteiro por conta do tempo dedicado à gravação.

Outra parte da história que foi necessária encontrar uma alternativa para substituí-la, foi a parte em que Flora avistava os Bosques pegando fogo. A ideia inicial era produzir fumaça com efeitos práticos, mas, concluiu-se que seria mais fácil e seguro mudar este elemento narrativo e retornar para a ideia original, que precedia ainda o roteiro entregue ao parecerista em 2024. Na segunda versão, Flora segue um homem estranho por curiosidade. Ela sai dos bosques por escolha própria e acaba se perdendo em um mundo estranho para ela.

Por conta da redução de diálogos no roteiro e números de cena, certas características narrativas precisaram ser explicadas através da câmera. Solange, por exemplo, foi filmada como se fosse parte de uma propaganda de marca de luxo. Entram em foco os seus sapatos, cigarros e champanhe para demonstrar o estilo de vida que ela representa e tenta vender para as pessoas ao seu redor.

O final também foi alterado por conta da montagem de cenário. No roteiro original, Flora abre sua própria galeria que compete com a de Solange. Isso demonstraria que ela “ganhou” o jogo do capitalismo e superou a própria chefe pelo “trabalho duro” (Por isso a última cena revela que o próprio filme é também uma propaganda capitalista). Já na segunda versão, para que não fosse necessário montar um novo cenário para a galeria de Flora, a narrativa conta que esta, virou uma protegida de Solange e que Flora é o grande destaque da galeria da socialite. De forma diversa, esta versão também demonstra que Flora “venceu na vida”.

A versão final do roteiro, contendo todas estas mudanças foi entregue para a equipe nos primeiros dias do mês de abril de 2025. O roteiro em sua completude se encontra em anexo ao final do presente trabalho.

CONVOCAÇÃO DA EQUIPE:

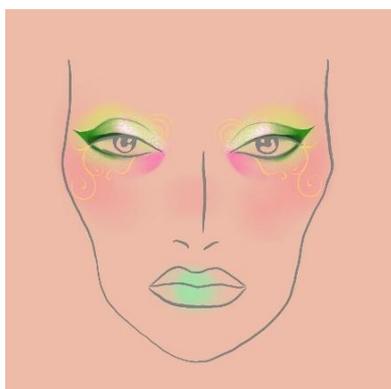
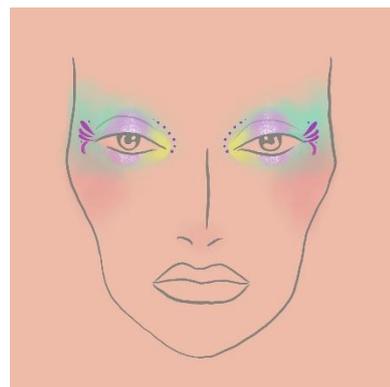
Convites foram feitos pessoalmente ou enviados por mensagem para chamar a equipe. Todos os que concordaram em fazer parte do projeto foram adicionados a uma comunidade do whatsapp, contendo um grupo geral e grupos separados para cada função específica.

ARTE:





A partir destas referências, foram desenvolvidos pelo maquiador alguns desenhos técnicos das maquiagens de Flora. Estes seguem abaixo:



O próximo passo, foi a decupagem de objetos e figurinos. Realizados em equipe, a maioria dos elementos foi organizada em uma planilha coletiva. Essa planilha foi editada ao

começo de cada semana que precedia uma diária, para que a decupagem de objetos das cenas a serem filmadas, fosse entregue para a equipe no intuito dos membros trazerem o que estes já tinham para as filmagens, facilitando assim a montagem de objetos de cena sem qualquer gasto financeiro.

FOTOGRAFIA:

A próxima fase foi a decupagem de fotografia, realizada em reunião com o diretor de fotografia (Vitor Moreira Salles) e a diretora (Victoria Papa).

Foi elaborada uma lista de planos e movimentos que servisse de guia durante as gravações. Segue abaixo um exemplo de como foi organizada e pensada a fotografia para a cena 1. A planilha em sua completude se encontra nos anexos.

Cenas	Cenário	Plano n°	Tipo de Plano	Enquadramento	Detalhes	Descrição
Bosque						
DIA						
		1.1	Closes urucum e pinceis	Plantas, flores, insetos, etc	varios - Ver na hora	
		1.2	Plano geral	Cenário, bosque	zoom out dos closes	
		1.3	Plano aberto	Flora em atividades		
		1.4		tintas e papel no chão	azimutal	
		1.5	Plano giratório	Fluidez de flora em suas atividades		
		1.6	Over the Shoulder	Flora olha para espectro		
		1.7	Plano médio	Reação de Flora		
		1.8	plano aberto	Flora segue espectro		
		1.9	Over the Shoulder	Flora ve espectro sumindo dentre as arvores		
		1.10	plano aberto	Flora segue espectro	ouve o som do lixo abrindo	
		1.11	plonge	Flora entra no lixo	e desaparece	

PRODUÇÃO:

A produção contou com uma equipe um pouco maior devido a quantidade de locações e diárias. Eram 3 pessoas a princípio: João Victor Rebouças (também o assistente de direção), Giovanna Costanzo (primeira produtora) e Pedro Vilarino (segundo produtor). Quando a primeira gravação já se aproximava, Theo Carneiro foi também adicionado à equipe de produção, ajudando principalmente com o orçamento e organização da alimentação em set.

O primeiro passo com a equipe de produção foi levantar lugares e orçamentos referentes às locações. Foram apresentadas 3 diferentes opções para cenários e, para a decisão final, foram considerados a arquitetura do lugar, os custos, o transporte e alimentação da equipe. Depois de discutidas estas questões, foi decidido que o filme seria filmado em 4 diferentes locações divididas em três diárias:

1. Espaço Arco, uma diária, 11 cenas;
2. Estudio de vídeo PUC, meia diária, uma cena;
3. Parque Villa Lobos, meia diária, uma cena;
4. Casa no Alto da Lapa, meia diária, três cenas.

A primeira filmagem aconteceu no Espaço Arco, o espaço no qual foi gravado o maior número de cenas. A locação é uma casa de eventos localizada na Vila Buarque, no centro de São Paulo. Foram realizadas duas visitas técnicas com um representante de cada equipe no local antes do começo das gravações, para que fossem mapeados os planos e planejada a montagem do espaço.

Quando o dia da primeira gravação se aproximava, a diretora e o assistente de direção elaboraram uma ordem do dia, descrevendo detalhadamente a ordem e o horário em que cada plano seria filmado. Uma planilha foi elaborada e impressa para que a equipe pudesse se orientar melhor no dia da gravação. Foi impresso, o seguinte documento:

PLANO DE FILMAGEM			
CENA 3			
HORA	PLANO	OBSERVAÇÕES	DETALHES
8:30 - 8:40	1/1.2	Close e travelling out	pintor pintando parede
8:40 - 8:50	3	match cut (pl 2.8)	Flora saindo do lixo
9:00 - 9:10	4	Plano Aberto	flora falando c/ pintor
9:10 - 9:20	5	travelling out	Seguindo Flora
9:20 - 9:30	6	PA Travelling PM	Flora diante da Tela (pinta)
9:30 - 9:40	7.1	PA com leve Contraplange	Solange (dialogo td)
9:40 - 9:50	7.2	PA com leve Plongee	Flora (dialogo td)
9:50 - 10:20	8	Stop Motion	p/ pintura
10:20 - 10:30	9	Plano Aberto	Solange na cadeira(st.mt)
10:30 - 10:40	10	over the shoulder	flora pintando a tela
10:40 - 10:45	11	Plano Médio	Flora mostra a tela
10:45 - 10:55	12	Plano médio	Solange
10:55 - 11:00	2	Plano aberto, traveling-in	Solange em sua cadeira
CENA 5			
11:00 - 11:15	1/2	Plano giratório o.s. para plano aberto	Começa com um o.s Flora
11:15 - 11:45	3/4	stop motion para plano aberto	Flora trocando de roupas
CENA 14			
12:15 - 12:30	Troca de figurino e maquiagem		
12:30 - 12:40	1	Plano fechado	cigarro
12:40 - 12:50	2	Contra-plonge espelhado da cena 11	
12:50 - 13:00	3	Contra-plonge	Solange pistola, aberto
13:00 - 13:10	4	Contra- plano	Flora, plano médio
13:10 - 13:20	5	Plano aberto	Solange levantando
CENA 15			
	1	Over the shoulder	
13:20 - 13:30	1.2	Over the shoulder	Solange e Flora olham o
13:30 - 13:40	2	Médio lateral	Solange fala
ALMOÇO 13:40 - 14:40			
CENA 4			
14:40 - 15:00	Troca de figurino e maquiagem		
15:00 - 15:10	2/2.2	Plano Aberto/traveling in	Solange com cavalete
15:10 - 15:20	6	Close traveling in	Solange sorrindo
15:20 - 15:30	3/5	over the shouder	plateia olhando Solange
15:20 - 15:30	1/4	Closes	Tela pintada e detalhes

CENA 6			
15:30 - 15:35	2	Close no quadro	Solange no palco
15:35 - 15:45	1	Plano Aberto	no quadro
CENA 8			
15:45 - 16:00	Troca de figurino e maquiagem Pausa 15 min		
16:10 - 16:20	1	Traveling	Sapatos de Solange
16:20 - 16:30	2	Plano aberto	Solange na cadeira
16:30 - 16:40	3	Over the shoulder	Solange olhando pra Flora
16:40 - 16:50	4	Plano medio	
CENA 9			
16:50 - 17:00	1	Aberto	Flora e Solange no palco
17:20 - 17:30	3	Close	expressão de Flora
17:30 - 17:40	4	Close	quadro
17:40 - 17:50	2	Aberto, traveling lateral	Plateita aplaudindo frente
CENA 11			
17:50 - 18:10	Troca de figurino e maquiagem		
18:10 - 18:20	1	Close	champagne
18:20 - 18:30	2	Plano médio, contra plongé diagonal	
CENA 12			
18:30 - 18:40	1	Over the shoulder	De tras do quadro
18:40 - 18:50	3	close	quadro
18:50 - 19:00	2	Close	Sorriso amarelo de Flora
CENA 17			
19:20 - 19:20	Troca de figurino e maquiagem		
19:10 - 19:20	1	Closes cenário	
19:20 - 19:30	2	Traveling lateral	publico de frente
19:30 - 19:40	5	Traveling lateral	publico de frente
19:40 - 19:50	3	Plano médio	Flora fala
19:40 - 19:50	4	Close quadro	quadro
19:50 - 20:00	6	Traveling in	Plano aberto de Flora

GRAVAÇÕES:

Dia 11/05 - Primeiro dia de gravação (Espaço Arco - Vila Buarque):

8:00 da manhã: Chegada da equipe no local de gravação.

8:00 - 10:00: Montagem do cenário e aplicação de maquiagem e figurino nas duas atrizes. Enquanto as atrizes não estavam prontas, foram filmados alguns planos destacando o cenário e as obras nele presentes.

10:00 - 13:00: Início das gravações com o atraso de 1:30 em relação a OD. Foram gravadas a cena 3 e metade da cena 5. A OD foi modificada durante as filmagens para se adaptar aos acontecimentos. No final, as cenas foram gravadas quase todas na ordem do roteiro.

13:00 - 14:30: Pausa forçada nas gravações pois o cartão de memória precisava ser descarregado. O hiato foi aproveitado pela equipe para almoçar.

14:30 - 16:00: Retomada das gravações e finalização da cena 5. Gravação da cena 4 e 6 com o corte de alguns planos por conta do tempo limitado disponível na locação.

16:00 - 16:20: Troca de figurino e maquiagem das duas atrizes.

16:20 - 17:00: Gravação das cenas 8 e 9.

17:00 - 17:20: Troca de figurino e maquiagem das duas atrizes.

17:20 - 18:00: Gravação das cenas 11 e 12.

18:00 - 18:10: Troca de figurino e maquiagem das duas atrizes.

18:10 - 19:00: Gravação das cenas 14 e 15. Aplicação simultânea do figurino nos 8 figurantes.

19:00 - 19:10: Troca de figurino e maquiagem das duas atrizes.

19:10 - 19:45: Gravação da cena 17.

19:45 - 21:00: Encerramento das gravações, desmontagem e limpeza do local.



Dia 16/05 - Segundo dia de gravação - (Estúdio de Vídeo PUC):

Para a segunda gravação não foi realizada uma Ordem do Dia pois o objetivo era filmar apenas uma cena na qual os planos eram experimentais e seriam elaborados conforme a montagem do cenário. No entanto, para a pré-produção desta cena, vários doces foram comprados um dia antes das filmagens. Aproximadamente 3 dias antes, os materiais para a cena já estavam separados e um gigante pano preto foi adquirido para cobrir as tapadeiras do estúdio. A cena 16 foi filmada no estúdio de vídeo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde foi montada uma mesa com diversos tipos de doces e comidas para representar o “chá maluco” inspirado no filme “Alice no País das Maravilhas”, trazendo também fortes influências da cena da mesa no filme “as Pequenas Margaridas”.

10:00 - 10:30: Chegada da equipe no local da gravação.

10:30 - 13:00: Montagem da mesa e aplicação do figurino e maquiagem nas duas atrizes principais e nos outros 4 figurantes.

13:00 - 14:00: Gravação da cena 16.



Dia 23/05 - Terceiro dia de gravação (cancelado)- (Parque Villa Lobos e PUC):

Pretendia-se finalizar as gravações na sexta-feira dia 23/05. Pela manhã (8:00-13:00) seria filmada a cena 1 no Parque Villa Lobos e, durante a noite (19:00 - 23:00), seria filmada a cena 2, na PUC. No entanto, foi preciso cancelar a gravação matinal pois, foi afirmado que choveria durante a manhã e, portanto, não seria possível gravar no ambiente aberto do parque. As gravações noturnas também foram canceladas em solidariedade à ocupação e paralisação realizada pelos estudantes da PUC-SP. Foi considerado também que, com a Prainha como palco das manifestações e assembleias estudantis, era incerta a possibilidade de realizar uma filmagem com som de qualidade, já que a sala reservada, se encontrava no primeiro andar (112-A). As gravações da cena 1 e 2 foram adiadas para a sexta-feira da semana seguinte.

Dia 30/05 - Terceira diária - Parque Villa Lobos e Casa no Alto da Lapa.

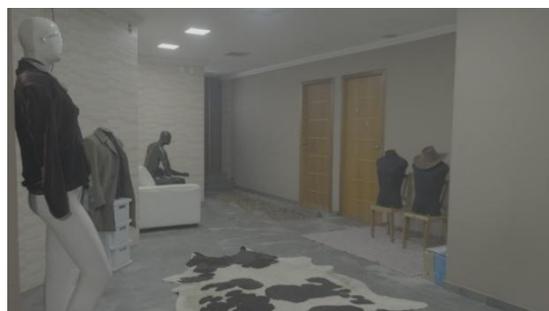
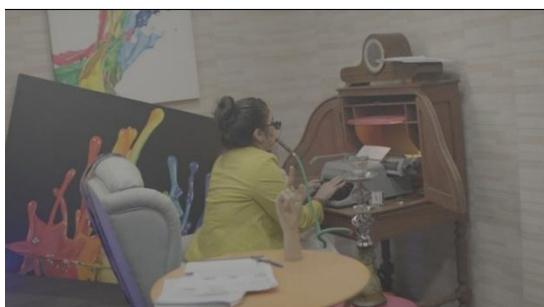
Foi decidido no começo da semana do dia 26 a mudança do cenário previamente pensado para a cena do escritório. Como previamente mencionado, esta cena seria gravada em uma sala do prédio novo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (112-A). No entanto, com o prolongamento da ocupação e possibilidade de uma greve dos professores, foi decidido mudar a locação por segurança de uma gravação sem grandes imprevistos.

A equipe então se organizou para realizar a gravação das duas primeiras cenas deste filme no dia 30/05. Estas, se tratam de duas cenas longas, por isso foi elaborada uma ordem do dia com a previsão de começar as gravações às 9 da manhã e terminar às 23 horas (contando pausas para almoço e janta).

Chegado o dia das gravações, o sol brilhava forte como era desejado, porém, houve um grande atraso por parte da equipe, e só foi possível começar as filmagens as 13 horas. No entanto, isso não foi grande problema, pois a cena foi filmada em sua totalidade até as 16 horas.



Com a cena concluída, foi feita uma pausa para o almoço que durou aproximadamente uma hora e meia. Depois, a equipe foi encaminhada para o segundo cenário para começar as montagens de cenário. Esta etapa de produção demorou horas a mais do que o previsto, sendo assim, a gravação da cena 2 só foi iniciada às 23 horas e teve seu fim às 4 horas da manhã do dia seguinte. Durante a realização da cena dois, a equipe passou por algumas dificuldades, referentes a problemas técnicos, como o esgotamento do cartão de memória da câmera, e o descarregamento do tascan. Estes forçaram um hiato na gravação, assim como problemas com os objetos de cena. Por exemplo, na cena dois, é usado um narguilé por uma das atrizes e este não funcionava como era esperado. Foi necessário que parte da equipe se dedicasse unicamente a isso, enquanto o resto montava os próximos planos. Por fim, a gravação levou horas a mais do que o esperado, mas todos os planos planejados foram filmados. Seguem abaixo algumas fotos da terceira gravação:



PÓS-PRODUÇÃO

Devido ao curto período entre as filmagens e a entrega oficial do produto, a pós-produção começou a ser elaborada logo depois do primeiro dia de gravação. As filmagens e áudios foram baixadas e revisadas pela diretora e o assistente de direção. As melhores cenas foram separadas e cortadas para serem diretamente inseridas na montagem realizada pelo assistente de direção.

A trilha sonora, presente durante todo o filme (já que muitas cenas não possuem diálogos) foi decidida oficialmente depois de alguns testes. Alguns tipos de fundos sonoros foram considerados, mas a decisão final foi compor esta trilha com óperas clássicas para que a

dramaticidade de cada cena fosse ainda mais acentuada. A escolha da opera como elemento sonoro, traz a trilha um caráter lúdico e fantasioso e permite a expressão e intensificação de situações e sentimentos, além de evitar problemas futuros com direitos autorais. O ritmo das músicas é também fortemente considerado para a edição e montagem da obra. Buscou-se com isso, casar o áudio e o visual sincronizando os sons instrumentais e ritmos presentes nessas obras com o movimento em cena e cortes na montagem.

Pretende-se que o produto final possua a trilha inteira composta por operas com exceção da música na cena final. Esta música será adicionada a obra no futuro, pois esta ainda será gravada. A música, se trata de uma composição realizada por membros da equipe em homenagem ao presente filme e ainda está em estágio de produção.

ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADES DO PRODUTO

Pré- divulgação e Teasers:

Para a anúncio do filme, pretende-se utilizar 3 diferentes produtos. Respectivamente: O conteúdo produzido pela equipe durante as gravações (making off), um trailer ou teaser que será elaborado juntamente com a edição final do produto e um pôster anunciando as datas de inauguração e estreia em algum dos festivais nos quais o curta será inscrito.

O primeiro conteúdo a ser divulgado, será o making off. Este passo, já está sendo realizado desde a primeira gravação, onde as atrizes e equipe postaram em suas redes sociais pessoais (Instagram) o processo de arrumar os cenários e exibiram maquiagem e figurinos de forma descontraída para seus seguidores. Mais conteúdo relacionado ao making off ainda será liberado pela equipe como um todo.

O trailer de divulgação, será elaborado a partir de cenas marcantes que obtivemos nas gravações. A fórmula para a realização deste produto ainda não é clara, mas, pretende-se explicitar o caráter onírico da jornada de Flora através das filmagens mais coloridas e espalhafatosas do filme. Não haverá diálogos no trailer pois até mesmo o filme deixa estes em segundo plano. Para a montagem, pretende-se que as cenas comecem com closes da personagem em vários momentos e terminem com sua transformação.

O poster para a divulgação de datas será um design no estilo colagem usando as mesmas cenas do trailer, mas destacando objetos e pessoas específicas e tomando liberdades artísticas para enriquecer a imagem.

Festivais:

Pretende-se que esta obra seja enviada para ser exibida em festivais brasileiros primeiramente, para com isso, aumentar a visibilidade e obter reconhecimento para o presente

trabalho. A realização da inscrição e elaboração da carta de aplicação acontecerá quando este filme estiver completamente editado. Os festivais aos quais pretende-se enviar o produto final são:

Festival Brasileiro de Cinema Universitário (RJ)

Festival Mosaico (SP)
Cinefantasy (SP)

Kinoforum (SP)

FESTCURTAS BH (MG)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os meses reservados para a elaboração deste trabalho, tanto para a pesquisa quanto para as filmagens, foram majoritariamente dedicados a ele pela parte mais presente da equipe. Os últimos 2 meses envolveram a devoção quase completa de grande parte dos envolvidos.

Este projeto começou a partir de um desejo de criar imagens para a tela que fossem esteticamente marcantes e belas, mas que possuíssem ao mesmo tempo, um significado e simbolismo além da superfície. Desde a pesquisa inicial até a edição final, teve-se isso como objetivo.

O cinema é uma arte coletiva, por isso, a ideia inicial concebida pela diretora passou por grandes mudanças. Certos elementos foram removidos da narrativa quando se chegou a hora de realizar o projeto na prática. Muitos outros, foram adicionados por membros da equipe que se envolveram com a história e buscaram construir a partir da base proporcionada. Assim, cada pessoa que participou do projeto tem um pouquinho de si no produto final.

O processo foi longo e trabalhoso, mas o resultado obtido foi satisfatório e fonte de orgulho para a equipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e FILMOGRÁFICAS:

• Livros:

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *O Esclarecimento Como Mistificação das Massas*. Primeira edição. 1944. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/1944/mes/industria.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.

BORDWELL, David. *Figuras Traçadas na Luz*. Campinas. Editora Papyrus. 2009.

• Artigos:

OTOFUJI, Mitiko. Resenha de: O "Kitsch". *Revista de História*, São Paulo, v. 48, n. 98, p. 605–611, 1974. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1974.132406. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132406>. Acesso em: 12 out. 2024.

SOUZA, Warley. "Literatura fantástica"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-fantastica.htm>. Acesso em 30 de junho de 2025.

• Filmes:

Alice no País das Maravilhas: Clyde Geronimi. Produção: Walt Disney Company. Estados Unidos. 1951. 73 minutos.

As Pequenas Margaridas: Věra Chytilová. Produção: Rudolf Hájek. Filmové studio Barrandov. Czechoslovakia. 1966. 76 minutos.

Notre Dame des Hormones: Bertrand Mandico. Produção: Emmanuel Chaumet. França. 2015. 31 minutos.

ANEXOS:

ANEXO A (primeira versão do roteiro)

SINOPSE:

Uma jovem chamada Flora, foge do fogo que consome a sua casa. Em busca de ajuda, ela vai até a cidade mais próxima onde contrai uma dívida por não ter como pagar pelo serviço de apagamento. Flora é pintora e sua arte chama atenção de uma socialite que a oferece um trabalho como pintora particular. No entanto, a arte que Flora gostaria de fazer não é o tipo de arte que sua patroa consegue vender.

ARGUMENTO:

Em um belo e pacato bosque, mora Flora, uma menina que está chegando na adolescência, assim como todos os outros que também vivem naquele ambiente isolado do resto do mundo. Um dia, enquanto os personagens fazem suas atividades do dia a dia (colhem frutos, fazem coroas de flores e pintam), uma fumaça cinza começa a subir por detrás da copa das árvores. Percebendo que um incêndio se aproxima, Flora sai dos bosques para buscar ajuda na cidade mais próxima.

Quando Flora chega a cidade, ela se depara com uma grande construção de onde sai uma fila de pessoas. As pessoas enfileiradas também buscam auxílio na resolução de seus problemas e estão ali para se encontrar com a "secretaria", a responsável pela resolução e burocracia dos problemas apresentados pelos que trabalham para a dona de grande parte da região, Solange. Flora entra na fila e assiste enquanto uma mulher de meia idade tenta resolver os problemas trazidos pelos trabalhadores. Um enorme tapete azul escuro se estende até uma mesinha onde senta a secretaria com um laptop à sua frente. De cada lado da mesa e atrás da secretária, há um guarda parado, usando terno e óculos escuros. Cada pessoa na fila avança e apresenta seu problema para a secretária: um deles é novo na cidade e busca emprego, a outra trabalha na construção dos novos prédios da socialite e pede equipamentos de segurança novos, outro está apenas entregando as papeladas do mês. A secretária tenta resolver tudo o mais rápido possível, sem muita cerimônia nem aprofundamento.

Quando chega a vez de Flora, a menina pede que a ajudem a apagar o incêndio na sua casa(bosques). A secretaria diz que vai enviar uma equipe e pergunta como a menina pretende pagar pelo serviço. Flora fica confusa e não sabe como pagar porque dinheiro não é algo usado nos bosques. A secretária ri da menina e então sugere que Flora arranje um emprego na cidade para pagar sua dívida e pergunta que tipo de coisa ela fazia nos bosques. A menina responde que era pintora. Após algumas boas gargalhadas caçoando de Flora a secretária parece se lembrar de alguma coisa. Ela puxa um celular do bolso e liga para alguém a quem ela diz que encontrou uma menina que sabe pintar. Depois da ligação ela dispensa todos os que estão na fila e diz para voltarem no dia seguinte.

Instantes depois das pessoas saírem, as grandes portas se abrem e uma mulher, por volta dos 40 anos entra no salão. Ela usa um longo casaco felpudo e salto-alto. A Secretária se levanta para cumprimentar a mulher, quem ela apresenta como Solange. As três pessoas uniformizadas já se mobilizam para deixar Solange confortável. Em uma coreografia bem ensaiada, um deles tira a mesa da secretaria do centro da sala enquanto outro traz uma cadeira Solange se sentar, o primeiro já se agiliza e traz uma xícara de chá quente para Solange. Esta e a

secretária, se sentam juntas em suas respectivas cadeiras e encaram Flora. Solange sorri para a menina e diz para ela mostrar o que sabe pintar. Flora fica confusa pois não há nenhum material artístico por perto. Antes que ela possa expressar a sua confusão, Solange tira do bolso um sininho dourado e o sacode. Em stop-motion aparecem um cavalete e uma tela na frente de Flora, assim como um godê com tintas em sua mão, um pincel na outra, um avental ao redor de seu corpo e uma boina em sua cabeça. Mesmo sem entender o que acabou de acontecer, Flora começa a pintar enquanto as duas mulheres observam. Solange vira para a secretária e sussurra que ela estava procurando uma pintora artesanal para trabalhar para ela e achava que aquilo seria uma inovação no mercado artístico. Flora termina de pintar e Solange sorri de orelha a orelha. Sem elogiar a arte da menina, ela finalmente pergunta o seu nome e oferece um trabalho para Flora como possibilidade de quitar a dívida da menina. Flora aceita feliz e pergunta quantos quadros seriam necessários para ela conseguir pagar o que devia, ao que Solange responde que depende de quanto dinheiro ela conseguiria fazer vendendo-os.

Mais tarde naquele dia há um leilão na galeria de arte de Solange. Várias pessoas bem-vestidas estão espalhadas pela sala bebendo e conversando. No centro da sala há um pequeno "palco" onde um cavalete coberto por um pano roxo está. Solange sobe ao palco e toca seu sininho para pedir silêncio. Ela agradece a presença de todos e puxa o pano do cavalete revelando o quadro que Flora pintara mais cedo. Solange começa um discurso explicando que aquela pintura é feita por mãos humanas e como ela acredita que a pintura manual deveria voltar ao mercado artístico. Depois de sua fala ela começa o leilão. Algumas placas se levantam demonstrando o interesse na pintura.

Corta para Flora e Solange mais cedo na sala da secretária. Solange olha para Flora pensativa. Em stop-motion todas as peças de roupa de Flora saem de cena uma por uma, depois peças novas, muito mais excêntricas e coloridas tomam o seu lugar.

Voltamos para o leilão. Solange chama Flora para o palco (que já usa suas roupas novas). Ela sobe tímida, mas sorri feliz enquanto todos a aplaudem.

Corta para um escritório inteiro branco onde duas pessoas estão em cena. Uma delas sai e revela atrás dela o quadro de Flora na parede.

Corta para Flora e Solange em outro dia. As duas estão em uma sala de janelas amplas. Solange está sentada fumando um cigarro enquanto Flora mostra o rascunho de um desenho para ela. Solange a encara sem expressão e faz que não com a cabeça.

Corta para Solange e Flora no palco. Há um cavalete entre elas coberto por um pano roxo. Flora puxa o pano e revela uma pintura que mostra uma família (pai, mãe e filho) brincando e sorrindo em um campo. As pessoas na plateia levantam as plaquinhas do leilão.

Corta para uma sala de jantar comum onde, em uma grande mesa, um pai, uma mãe e duas crianças comem. Atrás deles na parede está o quadro de Flora

Corta para Flora e Solange em outro dia. As duas estão em uma sala de janelas amplas. Solange está sentada fumando um cigarro enquanto Flora mostra o rascunho de um desenho para ela. Solange revira os olhos brava e faz que "não" com a cabeça enfaticamente.

Corta para Solange e Flora no palco. Há um cavalete entre elas coberto por um pano branco. Flora puxa o pano e revela dois quadros: uma pintura que mostra um casal apaixonado se olhando e a segunda que mostra os mesmos se beijando. As pessoas na plateia levantam as plaquinhas do leilão.

Corta para uma rua qualquer. Vemos em um muro 5 lambe-lambes. O primeiro lambe-lambe, da esquerda para direita, mostra a pintura do casal apaixonado, os três próximos lambe-lambe mostram a propaganda de uma banana em vários ângulos, e o último, mostra a imagem do casal se beijando. Uma pessoa passa pelas imagens olhando-as enquanto anda. Corta para Flora e Solange em outro dia. As duas estão em uma sala de janelas amplas. Solange está sentada fumando um cigarro enquanto Flora mostra o rascunho de um desenho para ela. Solange fecha a cara bravíssima. Ela grita com Flora e diz que esse tipo de arte que ela quer fazer não deixa ninguém feliz e que o objetivo de Solange é que as pessoas estejam sempre felizes. Solange conclui dizendo que Flora tem muito o que aprender e ela a leva para um museu. Elas contemplan um quadro do movimento Rococó (o balanço) em silêncio e vão embora. Depois do museu, Solange faz um banquete em outro espaço de sua galeria. No centro do salão há uma mesa grande cheia de pratos estranhos, porém, tudo muito bem enfeitado. Flora come tudo o que pode daquela mesa imensa.

Corta para Flora andando pelas ruas enquanto fuma um cigarro. Ela passa por um muro branco e vê que, atrás de novos lambe-lambe estão suas artes. Ela olha para o cartaz que substituiu sua arte e o arranca da parede. Um menino segurando vários panfletos vem em sua direção e pede para ela não arrancar o cartaz. Ele oferece um para Flora no qual aparecem informações para uma reunião de trabalhadores. Flora se ofende e canta vantagem dizendo que ela não precisa daquilo pois é uma artista muito famosa. O menino apenas dá de ombros e responde dizendo que dá para ver na cara dela que ela trabalha bastante. Ela sai andando e gritando com o menino.

Ela volta para a sala na qual sempre encontra Solange. Flora chega da rua e entra no salão com raiva. Solange a espera de frente para a janela como de costume. Flora olha para Solange e sorri. Ela não fala nada, apenas olha para a mulher com um sorriso malicioso. Flora dá as costas e sai da sala.

Corta para Flora algum tempo depois. Ela abriu a sua própria galeria e é a noite de inauguração. Há um palco no centro com um

cavalete coberto por um pano, assim como na galeria de Solange. Flora sobe ao palco e agradece a presença e a preferência de todos. Ela puxa o pano e revela uma pintura que mostra uma menina dando a mão para uma mulher bem-vestida e arrumada. O público aplaude forte. Close no rosto de Flora que sorri cheia de si. Os créditos sobem enquanto Flora faz várias poses para a câmera.

Lentamente a câmera vai se afastando. Enquanto o plano continua parado, o zoom out revela as bordas de uma televisão. O zoom out continua revelando que Flora está em uma TV, ela ainda se mexe na tela enquanto sobem os créditos. O plano continua abrindo revelando o resto de uma sala de tv simples. Há uma pessoa assistindo a TV. Ela desliga a TV, pega o celular e começa a digitar, depois se levanta do sofá e vai embora.

FIM

ROTEIRO:

CENA 1. EXTERNO. BOSQUE - DIA

Close no vento balançando as folhas de uma árvore. Na tela surge escrito: "Parte I - OS JARDINS".

Uma melodia lenta e alegre toca ao fundo. Close em um pássaro azul cantando e depois voando. Closes em plantas, flores e frutas vão aos poucos revelando o cenário. Mãos entram nos planos e colhem tanto flores quanto frutos (amoras). Closes de sorrisos por trás das folhas. A câmera se afasta e vemos um plano geral de um lugar cheio de natureza. Pela paisagem, vemos 5 pessoas espalhadas, vestidas com roupas de calor claras, soltas e floridas. Uma menina colhe amoras e as armazena em cestos de folhas trançadas. Outros dois estão sentados no chão trançando coroas de flores. Uma menina toca uma flauta transversal perto das plantas, dela vem a música que ambienta a cena. Uma personagem (Flora) tem em mãos um caderno e várias tintas (aquarelas) espalhadas pela grama. Ela pinta imagens abstratas com cores vibrantes. Todos estão serenos e felizes.

A menina que pinta olha para o horizonte e depois para a própria tela. Ela aplica mais cores no papel. Flora repete o mesmo processo algumas vezes com uma expressão serena até que enxerga algo estranho no horizonte. O contraplano mostra uma fumaça espessa subindo por trás das árvores. Flora deixa as suas coisas de lado e se levanta para observar preocupada a fumaça subindo. Rapidamente os outros também percebem a fumaça e se juntam a menina para observá-la. A câmera se aproxima de seus rostos que se enchem de medo.

CENA 2. EXTERNO. RUAS - DIA

Vemos um lixo feito de pedras. Sua tampa é de metal enferrujado e várias eras crescem ao redor dele. Um som metálico sai de dentro do lixo, como se alguém estivesse batendo na tampa para abri-la. A tampa se abre com um estrondo e Flora sai de dentro do lixo junto com uma fumaça cinza. Ela tosse e pisca os olhos para tentar se adaptar a quantidade de luz no ambiente. Flora olha ao redor e se depara com uma rua de paralelepípedos.

Ela sai de um lixo, toda suja de fuligem, e examina seus arredores. Flora olha aflita para os lados sem ter ideia de onde se encontra. Ela segue pelo caminho de paralelepípedos buscando ajuda e se depara com uma construção de portas duplas gigantescas. Sem avistar ninguém por perto, Flora entra pelas portas.

Na tela surge escrito: "Parte II - A FILA"

CENA 3. INTERNO. SALÃO - DIA

Flora entra em um salão amplo, de pedras cinzas, janelas alaranjadas e cortinas cor de vinho. A sua frente, há uma fila indiana de mais ou menos 3 pessoas. Um longo tapete azul-escuro se estende pelo chão, levando a uma mesa pequena, onde se senta uma mulher de meia idade usando grandes óculos vermelhos e roupas formais. Ela digita em um computador e mal olha para as pessoas à sua frente. Na mesa há uma pilha de papéis e uma caneta de pena mergulhada no tinteiro. Atrás dela, de pé e também de cada lado da mesa, 3 pessoas de terno e óculos escuros estão a postos.

A fila anda, vemos a primeira pessoa da fila avançando devagar em direção a mesa. A pessoa é um homem com roupas sociais e óculos escuros chiques. Ele segura uma pilha de papéis na mão. A Secretária, que digita em seu computador, fala sem tirar os olhos da tela.

SECRETÁRIA

Pode falar

PESSOA 1

Olá, senhora, aqui está o relatório de imóveis vendidos este mês.

SECRETÁRIA

Perfeito. Vou encaminhá-lo para a Dona Solange.

PESSOA 1

Obrigada

O homem entrega a pilha para a secretária que a coloca em uma caixa embaixo de sua mesa. O homem se vira e sai andando da sala. A próxima pessoa dá um passo em direção a mesa. Ao contrário da primeira, este homem está vestindo roupas simples e um pouco sujas.

SECRETÁRIA

Pode falar.

PESSOA 2

Oi, senhora, eu sou novo aqui na cidade e eu procuro emprego.

SECRETÁRIA

Qual era o seu emprego anterior?

PESSOA 2

Eu era fazendeiro, senhora, mas meus bichos morreram todos com a seca... ou com o fogo.

SECRETÁRIA

(sem tirar os olhos da tela)
Certo... Você sabe digitar?

PESSOA 2

Não muito bem, senhora. Mas eu sei o básico.

SECRETÁRIA

Entendi. Você é forte. O que você acha de trabalhar com construção?

PESSOA 2

Não é a minha área senhora.

SECRETÁRIA

Não tem problema. Não é nada muito complexo.

PESSOA 2

Ok...

A Secretaria pega um papel e a caneta de pena e assina rapidamente. Ela dobra o papel e o entrega para o homem.

SECRETÁRIA

Entregue esse papel para o chefe de obras. Ele vai te providenciar um trabalho... próximo!

O fazendeiro sai da sala confuso e cabisbaixo. A próxima pessoa se aproxima. É uma mulher com roupas surradas e sujas de reboco. Ela usa óculos de sol simples e antigo.

SECRETÁRIA

Pode falar.

PESSOA 3

Boa tarde, senhora.

A secretaria continua digitando.

PESSOA 3

Bom, eu estou trabalhando na construção do último prédio da dona Solange, e os equipamentos de segurança são muito velhos, sabe? Outro dia, caiu um menino lá e ele se machucou feio. Será que a dona Solange consegue providenciar uns equipamentos novos para a gente?

SECRETÁRIA (digitando):

Vou entrar em contato com ela, qual o seu nome?

PESSOA 3:

É Júlia, senhora.

A Secretária para de digitar um segundo e olha para Julia com ar suspeito.

SECRETÁRIA:

Julia do sindicato?

PESSOA 3:

Isso mesma senhora.

SECRETÁRIA:

Eu vou ver o que posso fazer por
você. Próximo!

A Secretária dá um sorriso sarcástico para a jovem. Julia parece preocupada, mas se vira e vai embora. É a vez de Flora.

FLORA

Oi, é... eu preciso de ajuda para
salvar a minha casa.

SECRETÁRIA

Salvar como?

FLORA:

Eu moro nos bosques depois do rio.
Eles estão pegando fogo...

SECRETÁRIA:

Ué vocês não têm água naquele
lugar não?

FLORA:

Nós temos, mas... não para apagar um
fogo tão grande.

SECRETÁRIA

(Suspira) Certo, vamos mandar uma
equipe para apagar o fogo.

FLORA:

(aliviada) Muito obrigada!

SECRETÁRIA:

E como você pretende pagar pelo serviço de apagamento?

FLORA:

E-eu não sabia que tinha um custo...

A secretária para de digitar e encara a menina assim como os 2 guardas que também viram a cabeça incrédulos.

SECRETÁRIA

Claro que tem um custo menina! E não é baixo. Como você pretende pagar?

FLORA

(aflita) Eu não sei...

SECRETÁRIA

(com desprezo) Você não tem dinheiro?

FLORA

(baixinho) é que... a gente não usa dinheiro nos bosques...

Desta vez, todos riem de forma bem audível. Flora se retrai envergonhada.

SECRETÁRIA

Menina, não podemos te ajudar em nada se você não pagar.

FLORA

Mas...

SECRETÁRIA

(volta a digitar) Te recomendo arranjar um trabalho por aqui para pagar a sua dívida. Com o que você trabalha? (rindo)

FLORA

Eu é... não tenho uma profissão, mas eu gosto muito de pintar.

Os guardas e a secretária riem alto. Aos poucos a secretária vai parando de rir como se lembrasse de algo. Ela franze as sobrancelhas e puxa um celular do bolso.

SECRETÁRIA

(para Flora) Só um minuto. (no telefone) Oi! Dona Solange, desculpa te acordar, mas tem uma menina aqui que diz que sabe pintar... Uhum... dos bosques... Ok... Sem problemas, até breve.

A secretária desliga o telefone e se dirige aos outros na fila.

SECRETÁRIA:

Nós fechamos por hoje. Voltem amanhã!

As duas pessoas atrás de Flora na fila parecem confusos e frustrados, mas seguem as ordens da mulher sem questionar. As portas se fecham atrás deles enquanto Flora observa esta cena apreensiva.

Poucos segundos depois do último sair pela porta, uma mulher vestindo um longo casaco felpudo e salto alto entra no salão. A secretária se levanta de sua cadeira para cumprimentar a mulher.

SECRETÁRIA:

Seja bem-vinda senhora.

A mulher responde com um aceno de cabeça e um sorriso forçado.

SOLANGE

E onde está a pintora?

SECRETÁRIA

(apontando para Flora) É esta aqui.

A mulher sorri.

SOLANGE

Muito bem então vamos ver o que
você sabe fazer.

Enquanto Solange fala, os 3 guardas já estão em ação para deixá-la confortável. Um deles tira a mesa e o computador do meio do salão, outro coloca uma cadeira ao lado da cadeira da secretária e o terceiro traz uma xícara de chá e dá na mão de Solange (apenas a mão destes três aparecem no plano). Solange e a secretária se sentam em suas cadeiras ao mesmo tempo. Flora está parada sem entender nada.

SOLANGE

Muito bem, me mostre o que você
sabe fazer.

FLORA

É que eu estou sem o meu...

Antes que Flora pudesse terminar a frase, Solange pega um sininho do bolso e o chacoalha. Em stop-motion, aparecem um cavalete, uma tela, um avental no corpo de Flora, um godê em sua mão, um pincel na outra e uma boina em sua cabeça. Flora olha para os materiais confusa.

SOLANGE

(sorrindo) Pode começar.

Flora começa a pintar, mesmo perdida. Um close na tela mostra suas pinceladas de várias cores. A câmera se afasta e vemos as duas mulheres sussurrando.

SOLANGE

(para a secretária) Eu estava há
um tempo pensando que a pintura
manual deveria voltar para o
mercado artístico, sabe?

SECRETÁRIA

Se você diz senhora, aposto que é algo promissor.

SOLANGE

De onde ela é mesmo?

SECRETÁRIA

Dos bosques senhora.

SOLANGE

Ai! perfeito! Essa menina caiu do céu no melhor momento possível.

No fundo da cena, Flora tira a sua boina e coloca ela no chão.

SOLANGE

Achei que todo pintor usasse boina.

SECRETÁRIA:

Eu também.

As pinceladas continuam e finalmente Flora se afasta da tela e olha para as duas mulheres. Na tela há uma cena de duas crianças trançando coroas de flores. Solange pensa um pouco e diz.

SOLANGE

Qual é o seu nome?

FLORA

É Flora senhora.

SOLANGE

Flora, o que você acha de pintar quadros para mim? Para pagar a sua dívida.

FLORA

Claro! Eu amo pintar! Quantos você quer?

SOLANGE

Bom, tudo depende de quanto dinheiro eu vou conseguir vendendo-os.

FLORA

Ah... entendi. Tá bom.

Solange sorri.

SOLANGE

Você está contratadíssima!

Flora sorri tímida.

SOLANGE

Mas por favor se limpe antes da apresentação do seu quadro hoje à noite.

CENA 4. INTERNO. SALÃO - NOITE

Na tela surge escrito: "Parte III - O LEILÃO"

O mesmo salão de antes agora está completamente enfeitado. Grandes cortinas de azul escuro cobrem as paredes. Pelos cantos, pessoas em pedestais posam nuas como estátuas. Algumas plantas de plástico colorido estão dispostas pelo salão. No centro de tudo há um pequeno relevo formando uma espécie de palco redondo. Em cima do palco há um cavalete coberto por um pano roxo. Espalhados pelo salão, aproximadamente 8 pessoas bem-vestidas bebem e conversam entre si. Solange entra em cena, ela traja um vestido cor de vinho com longas unhas metálicas douradas. Ela toca o seu sininho e todos fazem silêncio.

SOLANGE

Queridos, estamos aqui hoje para desfrutar desta linda exposição entre amigos, mas acima de tudo estamos aqui para celebrar a arte. Quem me conhece sabe que eu sou apaixonada por arte e que eu nunca deixaria de apresentar meus achados para vocês.

Solange pega o pano que cobre o cavalete e o puxa, revelando o quadro pintado por Flora. As pessoas presentes olham para a tela com curiosidade.

SOLANGE

Esta é uma tela pintada a mão! E não, eu não acredito que isso seja ultrapassado amigos! Eu diria que é uma técnica "vintage". Olhem a expressão destas pinceladas! Só um ser humano consegue pintar essas emoções. Vamos começar o leilão! Quem está interessado?

Algumas mãos segurando plaquinhas redondas de leilão se levantam. O plano fecha com o sorriso de Solange desaparecendo por último.

CENA 5. INTERNO, SALÃO - NOITE

O salão está vazio como na cena 4. Vemos Solange de costas, olhando para Flora, que ainda usa as mesmas roupas que chegou do bosque usando. A câmera rodeia Solange enquanto ela encara a menina, pensativa. A mulher faz um gesto com as mãos formando um retângulo com os dedos que enquadra Flora na visão dela.

A câmera se aproxima de Flora enquadrando o corpo inteiro, ela está parada com expressão confusa. Em stop-motion, uma peça de cada vez da roupa de Flora sai de cena e uma roupa muito mais colorida e excêntrica toma o lugar das anteriores. Por último, um óculo escuro estilizado aparece em seu rosto. Flora olha para si e sorri.

CENA 6. INTERNO, SALÃO - NOITE

Solange está exatamente onde estava no final da cena 4: em cima do "palco" com o quadro amostra no cavalete. Ela chama Flora (com as suas roupas novas) para subir. Flora, usando as roupas adquiridas na cena 5, sobe, sorri e acena diante da multidão.

CENA 6. INTERNO, ESCRITÓRIO - DIA

Um escritório de paredes brancas, com duas mesas de trabalho. Vemos pessoas trabalhando vestindo roupas formais. Uma delas digita no computador, outra pessoa, na segunda mesa grampeia uma pilha de

papéis. Quando a pessoa termina de grampear e sai de cena, vemos o quadro de Flora de duas crianças brincando na grama.

CENA 7. INTERNO, SALÃO VAZIO - DIA

Flora usa óculos escuros e um figurino novo ainda no estilo do antigo. Ela está diante de Solange (também com outro figurino) que fuma um cigarro na ponta de uma longa cigarreira, sentada em uma cadeira. Flora sorri e puxa um papel mostrando um desenho colorido que fez. Solange apenas olha para o desenho sem expressão e faz que "não" com a cabeça.

CENA 8. INTERNO, NOITE - SALÃO CHEIO

Solange e Flora estão no palco, elas usam o figurino da cena anterior. Há um cavalete entre elas coberto por um pano roxo. Flora puxa o pano e revela uma pintura que mostra uma família (pai, mãe e filho) brincando e sorrindo em um campo. As pessoas na plateia levantam as plaquinhas do leilão. Flora sorri para eles com um pouco de receio.

CENA 9. INTERNO, SALA DE JANTAR - NOITE

Em uma grande mesa, um pai, uma mãe e duas crianças comem. Atrás deles na parede está o quadro de Flora.

CENA 10. INTERNO, SALÃO VAZIO - DIA

Flora usa óculos escuros e um figurino novo. Ela está diante de Solange (também com outro figurino) que fuma um cigarro, na ponta de uma longa cigarreira, sentada em uma cadeira. Flora sorri e puxa um papel mostrando um desenho colorido que fez. Solange revira os olhos brava e faz que "não" com a cabeça enfaticamente.

CENA 11. INTERNO, SALÃO CHEIO - NOITE

Solange e Flora estão no palco, elas usam o figurino da cena anterior. Há um cavalete entre elas coberto por um pano branco. Flora puxa o pano e revela dois quadros: uma pintura que mostra um casal apaixonado se olhando e a segunda que mostra os mesmos se beijando. As pessoas na plateia levantam as plaquinhas do leilão. Flora dá um sorriso forçado e suspira discretamente.

CENA 12. EXTERNO, RUA - DIA

Vemos uma enfermeira ainda de uniforme andando pela rua. Ela passa na frente de um muro branco no qual estão dispostos 5 lambe-lambes. O primeiro lambe-lambe, da esquerda para direita, mostra a pintura do casal apaixonado, os três próximos lambe-lambe mostram a propaganda

de uma banana em vários ângulos, e o último, mostra a imagem do casal se beijando. A enfermeira passa pelas imagens olhando-as enquanto anda.

CENA 13. INTERNO, SALÃO VAZIO - DIA

Flora usa óculos escuros e um figurino novo. Ela está diante de Solange (também com outro figurino) que fuma um cigarro, na ponta de uma longa cigarreira, sentada em uma cadeira. Flora sorri sem graça e puxa um papel mostrando um desenho colorido que fez. Solange fecha a cara bravíssima. Ela se levanta e joga seu cigarro no chão.

SOLANGE

Não! Já disse que não!

Solange bufa e se senta novamente em sua cadeira. Ela puxa outro cigarro e o coloca na ponta da cigarreira e o acende. Ela solta um longo suspiro.

SOLANGE

Flora, eu só quero que as pessoas sejam felizes. Em qualquer momento e a qualquer hora do dia eu quero que elas estejam felizes. Mesmo quando é humanamente impossível de se estar feliz eu quero que elas estejam felizes! Esse lixo que você me mostrou, não deixa ninguém feliz, só me deixa abismada com a sua incapacidade!

Solange brava se levanta da sua cadeira, pega a bolsa e os cigarros enquanto fala.

SOLANGE

Você ainda tem muito o que aprender. Venha comigo.

CENA 14. INTERNO, MUSEU - DIA

Flora e Solange estão de costas para a câmera sentadas em um banco de madeira branca. Elas olham para um quadro no meio de uma parede inteira branca. O quadro é "O Balanço" de Jean-Honoré Fragonard, parte do movimento rococó. As duas contemplam o quadro em silêncio.

SOLANGE

Isso aqui é arte Flora. Nunca se confunda.

Há mais alguns instantes de contemplação até que as duas se levantam ao mesmo tempo, viram para a direita e saem de cena.

CENA 15. INTERIOR, SALÃO - NOITE

Na tela surge escrito: "Parte IV - O BANQUETE"

No centro do salão há uma mesa grande cheia de pratos estranhos: Pannelas com joias, candelabros com várias velas curvas, uma pilha de frutas coloridas, um pote com calcinhas de renda pingando para fora, coelhos de pelúcia servidos como comida, doces coloridos e torcidos, gelatinas transparentes com vários objetos dentro (olhos, dentaduras, línguas, ursinhos haribo, minhocas etc.) tudo muito bem enfeitado. Flora está sentada na mesa de banquete em uma ponta. Na outra senta Solange. Aproximadamente 4 pessoas vestidas com extravagância estão sentadas no meio. Todos comem. Ao longo da refeição, garçons trajando ternos e óculos escuros trazem mais comida e bebidas em bandejas de prata. Flora come tudo o que pode daquela mesa imensa.

CENA 16. EXTERNO, RUA - DIA

Na tela surge escrito: "Parte V - ARTE".

Flora anda pelas ruas enquanto fuma um cigarro. Ela passa por um muro branco e vê que, atrás de novos lambe-lambe estão suas artes. Ela olha para o cartaz que substitui sua arte no qual se lê: "trabalhador, organize seu ódio, tome o poder". Ela encara o cartaz com raiva e o arranca da parede.

MENINO

Moça, deixa isso aí! Eu acabei de colar!

Um menino com roupas simples usando um óculos-escuro gasto, vem em direção a Flora. Ele segura uma pilha de papéis em suas mãos.

FLORA

(ironicamente) Nossa, me desculpe por estragar a sua arte.

MENINO

Não é arte não moça. É para deixar as pessoas putas mesmo. É pra elas lembrarem da realidade.

Flora ri com desprezo.

MENINO

Você quer um panfleto, moça?

O menino entrega um papel para Flora, que olha para ele com nojo. Ela pega o panfleto e lê o que está escrito: "Cansado da exploração? Organize o seu ódio! Reunião na quinta no centro de construção". Flora ri.

FLORA

(para o menino) De todas as pessoas nessa rua você acha que EU seria alguém interessada nesse tipo de coisa?

MENINO

Não custa tentar, moça.

FLORA

Eu sou a artista mais famosa de toda essa cidade e você acha que eu preciso disso?

MENINO

Da de volta então, ou. Não quer, não lê, moça. Mas dá para ver na sua cara que você também está frustrada.

Flora se ofende, rasga o panfleto e sai andando.

FLORA

Da próxima vez que eu ver você colocando essa merda em cima da minha arte você tá fudido. Fudido, moleque!

O menino não se abala, apenas continua a panfletagem.

CENA 17. INTERIOR, SALÃO - DIA

Flora chega da rua e entra no salão com raiva. Solange a espera de frente para a janela como de costume.

SOLANGE

Então o que você tem para me mostrar hoje?

Flora olha para Solange e sorri. Ela não fala nada, apenas olha para a mulher com um sorriso malicioso. Flora dá as costas para Solange e vai embora.

CENA 18. INTERIOR, SALÃO - DIA

A mesma sala está enfeitada com cortinas azul claro e bege. Quadros e pinturas de Flora estão espalhados pela sala. A grande maioria mostra os temas recorrentes de felicidade e apenas um ou outro mais escondidos mostram os projetos que Flora queria pintar. Flora está muito bem-vestida, com um vestido longo e sem seus óculos escuros. No centro da sala há um palco exatamente como aquele presente nos leilões de Solange. Ela sobe para o palco sorridente onde um cavalete coberto por um pano roxo a espera. Ela se vira para a plateia e começa um discurso.

FLORA

Queridos, muito obrigada por prestigiarem a abertura da minha galeria. Eu agradeço muito que, dentre tantas opções, vocês tenham escolhido estarem aqui. Bom, nessa noite tão especial, tenho o prazer de compartilhar com vocês o meu mais novo trabalho.

Flora puxa o pano e revela uma pintura que mostra uma criança no canto inferior esquerdo olhando para cima e dando a mão para uma mulher bem vestida e arrumada. O público aplaude forte. Close no rosto de Flora que sorri cheia de si. Os créditos sobem enquanto Flora faz várias poses para a câmera, acenando, mandando beijos, sorrindo e etc. Lentamente a câmera vai se afastando. Enquanto o plano continua parado, o zoom out revela as bordas de uma televisão.

CENA 19. INTERNO, SALA DE ESTAR - DIA

O zoom out continua, revelando que Flora está em uma TV, ela ainda se mexe na tela enquanto sobem os créditos. O plano continua abrindo

revelando o resto da sala. No reflexo da TV vemos uma pessoa olhando a tela. O plano muda e vemos a pessoa sentada de lado no sofá. Ela desliga a TV, pega o celular e começa a digitar, depois se levanta do sofá e vai embora.

FIM

ANEXO B (Versão Final do Roteiro)

CENA 1. EXTERNO. BOSQUE - DIA

Closes em plantas, flores e frutas vão aos poucos revelando um cenário cheio de natureza. Um par de mãos entra no plano e colhe tanto flores quanto frutos. A câmera se afasta e vemos um plano geral de um lugar verde e amplo. Uma menina (FLORA) colhe amoras e as armazena em cestos de folhas trançadas. Em outro momento, ela está sentada no chão trançando coroas de flores. Em outro, ela toca uma flauta transversal perto das plantas. Em outro momento ela tem em mãos um caderno e várias tintas espalhadas pela grama. Ela pinta flores, plantas e pássaros em cores vibrantes.

FLORA, pintando, olha para o horizonte e depois para a própria tela. Ela aplica mais cores no papel. Ela repete o mesmo processo algumas vezes até que enxerga algo estranho no horizonte. Um espectro está parado à sua frente. Ele a encara. Ela o encara de volta. Lentamente ele se vira e sai andando.

Flora segue o espectro pelas árvores do bosque até perder ele de vista. Ela procura por ele, mas não o encontra. De repente ela escuta um barulho metálico e segue o som até se deparar com um lixo feito de pedras. Sua tampa é de metal enferrujado e várias eras crescem ao redor dele. Flora abre a tampa do lixo, entra dentro dele e desaparece.

CENA 2. INTERNO. ESCRITÓRIO - DIA

Sons de impressoras imprimindo, teclados digitando e o tic-tac de relógios invadem a cena. Surge um escritório em cores cinzas e tons de azul. Há um lixo grande e cinza cheio de papéis em um canto do espaço. FLORA sai de dentro do lixo, espalhando o seu conteúdo pelo chão. Um homem engravatado, usando óculos escuros e segurando uma pilha de papéis passa ao lado dela e observa a menina saindo do lixo

por um segundo. Em seguida dá de ombros e vai em direção a uma escrivaninha centralizada na sala. Na mesa se senta uma mulher de meia idade usando grandes óculos vermelhos e roupas formais (a SECRETÁRIA). Ela digita em um laptop à sua frente. O homem engravatado se coloca atrás de uma pessoa, trajando o mesmo estilo que ele, que espera em frente a mesa para falar com a mulher sentada. A pessoa na frente avança e começa a falar enquanto a Secretária digita em seu computador.

ENGRAVATADO(A) 1:
O relatório mensal da construtora.

SECRETÁRIA
Perfeito. Vou encaminhá-lo para a central.

Sem cerimônias, a pessoa se vira e sai andando sem acrescentar mais nenhuma palavra. A SECRETÁRIA coloca os papéis em uma caixa embaixo de sua mesa. A próxima pessoa, o homem que viu FLORA saindo do lixo, dá um passo em direção a mesa.

ENGRAVATADO 2:
Balanço trimestral das vendas, senhora.

SECRETARIA:
Obrigada, já vou encaminhá-los diretamente para a Dona Solange.

A SECRETÁRIA coloca os papéis na mesma caixa embaixo de sua mesa. Flora vai em direção a mesa. Ela se coloca na frente da secretaria, que continua digitando sem olhar para ela.

FLORA:
Oi...

A secretária continua digitando. Depois de um longo silêncio ela olha para Flora por cima dos grandes óculos vermelhos.

SECRETARIA:
Sim?...

FLORA:
Eu... acho que eu estou perdida.

A SECRETARIA levanta uma sobrancelha, desconfiada.

FLORA:

Eu... é, não sei muito bem onde eu
estou ou para onde devo ir...

A Secretária olha para Flora como se esta estivesse falando outra
língua.

SECRETARIA:

Você... está procurando um emprego?

FLORA:

Emprego? È... ok

SECRETARIA:

Ai menina, podia ter me dito isso
logo, sabe? Não tenho o dia todo.

FLORA fica em silêncio.

SECRETÁRIA:

Com o que você trabalha?

FLORA:

Eu é... Eu...

A secretária olha séria para a menina.

SECRETARIA:

Tem alguma coisa que você sabe
fazer?

FLORA:

Eu sei fazer arranjos florais
muito bonitos.

SECRETÁRIA:

Não, não, não, o que de útil você
sabe fazer?

FLORA:

(pensa um pouco) Eu sou muito boa
de conversar com os animais para

saber o que eles estão sentindo.
(sorri)

SECRETÁRIA:

Menina, se você não for levar isso a sério, é melhor você só voltar para o buraco de onde você veio.

FLORA:

(nervosa) Eu sei pintar..

A SECRETARIA pensa um pouco e volta a digitar.

SECRETARIA:

Ótimo. Precisamos de mais gente para terminar a pintura da nova galeria da Dona Solange. De onde você é mesmo?

FLORA:

Dos Bosques.

A Secretária olha ela com certo desdém.

SECRETARIA:

E qual é o seu nome?

FLORA:

É Flora.

SECRETARIA:

(riso)Típico..

A SECRETARIA pega uma folha de papel, escreve nela um endereço e o entrega para Flora.

SECRETARIA:

Aqui está o endereço da obra, você pode começar a trabalhar

imediatamente. E trate de fazer o trabalho direito! Você estará trabalhando para a mulher mais importante desta cidade.

FLORA olha para a Secretaria e em seguida para o papel.

FLORA:

Eu não tenho ideia de como eu faço para chegar nisso.

A SECRETARIA bufa sem paciência.

SECRETARIA:

É só você voltar por onde você veio.

FLORA decide não questionar mais e anda de volta até o lixo.

CENA 3 - GALERIA DA DONA SOLANGE - DIA

Vemos um rolo de tinta pintando uma parede branca de verde-menta. O plano se abre e vemos um pintor com roupas sujas de tinta pintando a parede. Em outra extremidade da sala, uma mulher bem-vestida está sentada em uma cadeira chique, fumando um cigarro e olhando pela janela. Em um canto da sala há um grande lixo, do qual FLORA sai. Ela olha em volta e vai em direção da pessoa pintando as paredes.

FLORA:

Oi, me mandaram aqui para fazer pinturas...

O homem olha ela e acena positivamente com a cabeça.

PINTOR:

Perfeito. Aqui estão os materiais. Você pode começar pintando aquela parede ali do canto.

Ele entrega a Flora um rolo de pintura, alguns pincéis mais finos e um balde de tinta verde. Sem questionar, ela os pega e vai até o canto que o homem indicou.

Flora se ajoelha diante da parede, pega um dos pincéis e mergulha-o na tinta verde. Ela começa a pintar plantas na parede branca. Ela vai pintando e as plantas vão crescendo de tamanho.

Flora escuta alguém pigarreando e se vira para ver quem é. A mulher elegante está atrás dela olhando para a parede recém pintada.

SOLANGE:

O que você está fazendo?

FLORA:

(assustada) Pintando...

SOLANGE:

Eh só para você pintar a parede branca de verde, menina e não... o que é isso?

FLORA:

Eu pinteí plantas.

SOLANGE:

Por que?

FLORA:

Eu gosto de pintar as coisas que eu vejo e sinto...

A mulher solta uma risada irônica.

SOLANGE:

Você sabe pintar?

FLORA:

Sim.

SOLANGE:

Você?

FLORA:

Sim, eu pinto sempre... é uma das coisas que eu mais gosto de fazer.

SOLANGE olha para a menina desconfiada.

SOLANGE:

Onde voce aprendeu?

FLORA:

Eu aprendi sozinha...

SOLANGE olha para Flora incrédula. Depois sorri com superioridade.

SOLANGE

Ok, me mostre então o que você sabe fazer.

Flora se vira lentamente para começar a pintar a parede às suas costas.

SOLANGE:

Aí não, menina! Assim você vai estragar mais ainda a minha parede.

SOLANGE estala os dedos. Em stop-motion, aparecem um cavalete, uma tela, um avental no corpo de Flora, um godê em sua mão, um pincel na outra e uma boina em sua cabeça. Flora olha para os materiais, confusa. O contraplano mostra a cadeira de Solange aparecendo logo atrás dela. Ela se senta e uma xícara de chá e um pires aparecem em suas mãos. Sua expressão continua a mesma.

SOLANGE

Pode começar.

Flora olha para os materiais e para a tela. Ela dá de ombros e começa a pintar. Um close na tela mostra suas pinceladas de tons vivos. As pinceladas continuam enquanto Solange observa o processo atentamente até que Flora se afasta da tela. O quadro mostra a cena de duas crianças trançando coroas de flores. Solange pensa um pouco e diz.

SOLANGE

Qual é o seu nome?

FLORA

É Flora.

SOLANGE

Flora, o que você acha de trabalhar pintando quadros para mim?

FLORA

Claro! Eu amo pintar!

SOLANGE

Perfeito.

Close no sorriso sincero de Solange.

CENA 4. INTERNO. GALERIA CHEIA- NOITE

A mesma sala da cena anterior, agora está enfeitada com grandes cortinas de azuis e roxas. Plantas de plástico estão espalhadas pelos cantos, assim como quadros e obras de arte. Algumas pessoas bem-vestidas conversam e bebem. Pessoas em pedestais posam nuas como estátuas. No centro de tudo há um pequeno relevo formando uma espécie de palco redondo. Em cima do palco há um cavalete coberto por um pano roxo.

Solange sobe ao palco trajando um look muito chique. Ela bate em sua taça e todos fazem silêncio.

SOLANGE

Boa noite a todos. Estamos aqui hoje para desfrutar desta linda exposição entre amigos, mas acima de tudo estamos aqui para celebrar a arte. Quem me conhece sabe que eu sou apaixonada por arte e que um dos meus grandes prazeres na vida é encontrar novos estilos para inovar e intensificar o meio artístico. Por isso, eu gostaria de compartilhar um de meus mais novos achados com vocês.

Solange pega o pano que cobre o cavalete e o puxa, revelando o quadro pintado por Flora. As pessoas presentes olham para a tela chocadas com uma pitada de curiosidade.

SOLANGE

Esta é uma tela pintada a mão por uma jovem artista que veio dos bosques. Sim amigos, a mão! Há quanto tempo não vemos pessoas como ela pintando quadros? Olhem a

expressão dessas pinceladas! Olhem a originalidade desta obra! Poucos são os que conseguem pintar essas emoções.

Close na tela pintada. Os convidados de Solange observam a obra com curiosidade.

SOLANGE:

E a melhor notícia de todas... este quadro inédito está à venda! Alguém está interessado?

Várias mãos se levantam. O plano fecha com o sorriso de Solange desaparecendo por último.

CENA 5. INTERNO, GALERIA VAZIA - TARDE

O salão está vazio como na cena 3. Vemos Solange de costas, olhando para Flora, que ainda usa as mesmas roupas com que chegou dos Bosques. A câmera rodeia Solange enquanto ela encara a menina, pensativa. A mulher faz um gesto com as mãos formando um retângulo com os dedos que enquadra Flora na visão dela.

A câmera se aproxima de Flora enquadrando o corpo inteiro, ela está parada. Em stop-motion, uma peça de cada vez da roupa de Flora sai de cena e uma roupa muito mais colorida e excêntrica toma o lugar das anteriores. Por último, um óculo escuro estilizado aparece em seu rosto. Flora olha para si e sorri.

CENA 6. INTERNO, GALERIA CHEIA - NOITE

Solange está exatamente onde estava no final da cena 4: em cima do "palco" com o quadro a mostra no cavalete. Ela chama Flora para subir. Flora, usando as roupas adquiridas na cena 5, sobe no palco e Solange dá o quadro em suas mãos.

SOLANGE:

E aqui está a artista que assina este quadro impressionante e mais que inovador.

Close no quadro onde duas crianças brincam.

CENA 7. INTERNO, ESCRITÓRIO - DIA

O frame ainda mostra o quadro enquanto a câmera se afasta. Vemos um escritório de paredes brancas, com uma mesa de trabalho. Vemos pessoas trabalhando vestindo roupas formais. Uma delas digita no computador, outra pessoa grampeia uma pilha de papéis.

CENA 8. INTERNO, GALERIA VAZIO - TARDE

Vemos SOLANGE entrando na galeria enquanto FLORA já a espera em um canto da sala. Flora segura um bloco de papéis grandes para desenho e cumprimenta Solange quando a vê chegando. Solange se senta em sua cadeira, Flora começa a folhear o seu caderno e mostra uma página para ela (desenho abstrato). Solange apenas olha para o desenho sem expressão e faz que "não" com a cabeça.

CENA 9. INTERNO, NOITE - GALERIA CHEIA

SOLANGE e FLORA estão no palco trajando suas roupas de gala da cena anterior. Há um cavalete entre elas coberto por um pano roxo. Solange puxa o pano e revela uma pintura que mostra uma família (pai, mãe e filho) brincando e sorrindo em um campo. As pessoas na plateia aplaudem. Flora sorri para eles com um pouco de receio.

CENA 10. INTERNO, SALA DE JANTAR - NOITE

Em uma grande mesa, um casal janta. Atrás deles na parede está o quadro de Flora.

CENA 11. INTERNO, GALERIA VAZIO - TARDE

SOLANGE está sentada em sua cadeira bebericando uma taça de champagne enquanto FLORA segura um bloco de papéis grandes para desenho e mostra uma página para Solange (figuras obscuras andando pela galeria). Solange revira os olhos brava e faz que "não" com a cabeça enfaticamente.

CENA 12. INTERNO, GALERIA CHEIA - NOITE

SOLANGE e FLORA estão no palco trajando suas roupas de gala. Há um cavalete entre elas coberto por um pano roxo. Solange puxa o pano e revela dois quadros: uma pintura que mostra um casal apaixonado se olhando e a segunda que mostra os mesmos se beijando. As pessoas na plateia aplaudem. Flora dá um sorriso forçado e suspira discretamente.

CENA 13. EXTERNO, RUA - DIA

Vemos uma pessoa engravatada andando pela rua. Ela passa na frente de um muro branco no qual estão dispostos 5 lambe-lambes. O primeiro lambe-lambe, da esquerda para direita, mostra a pintura do casal apaixonado, os três próximos lambe-lambe mostram a propaganda de uma banana em vários ângulos, e o último, mostra a imagem do casal se beijando. A pessoa passa pelas imagens olhando-as enquanto anda.

CENA 14. INTERNO, GALERIA VAZIO - TARDE

SOLANGE está sentada em sua cadeira enquanto FLORA segura um bloco de papéis grandes para desenho. Solange puxa da bolsa um maço de cigarros acende um na ponta de uma longa cigarreira. Flora começa a folhear o seu caderno e mostra uma página para Solange (um autorretrato sombrio). Solange fecha a cara bravíssima. Ela se levanta e joga seu cigarro no chão.

SOLANGE:

Não! Já disse que não!

Solange bufa e se senta novamente em sua cadeira. Ela puxa outro cigarro e o coloca na ponta da cigarreira e o acende. Ela solta um longo suspiro.

SOLANGE:

Flora, eu vendo estes quadros para que as pessoas se sintam bem. Eu só quero que elas sejam felizes. Em

qualquer momento e a qualquer hora do dia eu quero que elas estejam felizes. Mesmo quando é humanamente impossível de se estar feliz eu quero que elas estejam felizes! Esse lixo que você me mostrou, não deixa ninguém feliz, só me deixa abismada com a sua incapacidade!

Solange brava se levanta da sua cadeira, pega a bolsa e os cigarros enquanto fala.

SOLANGE

Você ainda tem muito o que aprender. Venha comigo.

CENA 15. INTERNO, MUSEU - DIA

Flora e Solange estão de costas para a câmera sentadas em um banco de madeira branca. Elas olham para um quadro no meio de uma parede inteira branca. O quadro é "O Balanço" de Jean-Honoré Fragonard, parte do movimento rococó. As duas contemplam o quadro em silêncio.

SOLANGE

Isso aqui é seu tipo de arte Flora.
Nunca se confunda.

Há mais alguns instantes de contemplação até que as duas se levantam ao mesmo tempo, viram para a direita e saem de cena.

CENA 16. INTERIOR, GALERIA - NOITE

No centro do salão há uma mesa grande cheia de pratos estranhos: Panelas com joias, candelabros com várias velas curvas, uma pilha de frutas coloridas, um pote com calcinhas de renda pingando para fora, coelhos de pelúcia servidos como comida, doces coloridos e torcidos, gelatinas transparentes com vários objetos dentro (olhos, dentaduras,

línguas, ursinhos haribo, minhocas, etc.) tudo muito bem enfeitado. Flora está sentada na mesa de banquete em uma ponta. Na outra se senta Solange. Aproximadamente 4 pessoas vestidas com extravagância estão sentadas no meio. Todos comem. Ao longo da refeição, garçons trajando ternos e óculos escuros trazem mais comida e bebidas em bandejas de prata. Flora come tudo o que pode daquela mesa imensa.

Flora olha para Solange e sorri. Ela não fala nada, apenas olha para a mulher com um sorriso malicioso.

CENA 17. INTERIOR, GALERIA CHEIA - DIA

O mesmo espaço da galeria de Solange está enfeitado com cortinas verdes. Quadros e pinturas de Flora estão espalhados pela sala. A grande maioria mostra os temas recorrentes de felicidade e apenas um ou outro mais escondidos mostram os projetos que Flora queria pintar. Flora está muito bem-vestida, com um vestido longo e sem seus óculos escuros. Ela sobe para o palco sorridente onde um cavalete coberto por um pano azul a espera. Ela se vira para a plateia e começa um discurso.

FLORA

Boa noite a todos! Muito obrigada por prestigiarem a abertura da minha galeria. Bom, nessa noite tão especial, tenho o prazer de compartilhar com vocês o meu mais novo trabalho.

Flora puxa o pano e revela uma pintura que mostra uma criança no canto inferior esquerdo olhando para cima e dando a mão para uma mulher bem-vestida e arrumada. O público aplaude forte. Entre os que aplaudem, estão Solange e o Espectro.

Close no rosto de Flora que sorri cheia de si. Os créditos sobem enquanto Flora faz várias poses para a câmera, acenando, mandando beijos, sorrindo etc. Lentamente a câmera vai se afastando. Enquanto o plano continua parado, o zoom out revela as bordas de uma televisão.

CENA 18. INTERNO, SALA DE ESTAR - DIA

O zoom out continua revelando que Flora está em uma TV, ela ainda se mexe na tela enquanto sobem os créditos. O plano continua abrindo revelando o resto da sala. No reflexo da TV vemos uma pessoa olhando a tela. O plano muda e vemos a pessoa sentada de lado no sofá, fumando um pod. Ela desliga a TV, pega o celular e começa a digitar, depois se levanta do sofá e vai embora.

FIM

ANEXO C (planilhas)

[Tcc Vic - Planilhas Arte](#)

[Decupagem de Fotografia](#)

[Alimentação Estimada por Diária](#)

ANEXO D (Primeira versão do filme)

[Flora e sua Fantastica Desventura - Final.mp4](#)